

## Além do “ódio”: metonímias *queer* para crime, patologia e antiviolença<sup>1</sup>

Jin Haritaworn\*

**Resumo:** Neste artigo, questiona-se o papel até então não indagado do ódio como paradigma hegemônico para entender a violência e se organizar contra ela em nível global. Embora tenhamos à disposição uma gama de perspectivas analíticas – desde os estudos da afetividade até o feminismo e a homonormatividade – para compreender as figurações dominantes de amor *queer*, bem como os coletivos multiculturais neoliberais e os cenários carcerários que eles viabilizam, o ódio ainda não foi objeto de escrutínio semelhante. Usando uma lente transnacional para documentar a chegada do discurso do crime de ódio/violência na Alemanha, onde são recentes discursos como Hassgewalt,

<sup>1</sup> HARITAWORN Jin. *Beyond ‘hate’: queer metonymies of crime, pathology and anti/violence*. *Jindal Global Law Review*, Haryana, Índia, v. 4, n. 2, p. 44-78, nov. 2013. Disponível em: <[http://jglr.jgu.edu.in/PDF1/Jin\\_Haritaworn\\_\(Chapter-3\).pdf](http://jglr.jgu.edu.in/PDF1/Jin_Haritaworn_(Chapter-3).pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

\* Professor adjunto na Faculdade de Ciências Ambientais da Universidade York, Canadá. E-mail: <[haritawo@yorku.ca](mailto:haritawo@yorku.ca)>. Como sempre, este texto é fruto do trabalho de várias pessoas, embora os erros sejam todos meus. Agradeço a Cengiz Barskanmaz, Sanchita Basu, Sirma Bilge, Rachel Gorman, Charlie Haddad, Nadia Kanani, Miran Newroz, Jennifer Petzen, Milena Solomun e Danla Thaler pelos diferentes rascunhos para leitura, por me convidarem a falar e escrever, e por ouvirem ideias incompletas com interesse e mente aberta. Meus agradecimentos especiais aos ativistas transexuais e pessoas *trans* de cor por confiarem que eu envidaria meus melhores esforços para organizar e catalogar ideias que em sua maioria eram elaboradas coletivamente. Agradeço, também, aos editores da JGLR e à Praveen Chacko, pela visão, pela paciência e pelo árduo trabalho.

que atribuem a violência ao ódio, defendo que é arriscado organizar-se em torno de um diagnóstico de ódio, visto que o ódio já está associado a corpos racializados. Ao mapear as figuras de violência, homofobia e crime em uma série de textos midiáticos, ativistas e políticos, afirmo que o drama dos amantes *queer* e o Outro odioso aproximou-se de discursos mais amplos sobre o crime, os quais são extremamente racializados e globalizados. Os dois pânico morais dividem o palco no centro gentrificado das cidades, um perfil psíquico, um arsenal de técnicas de punição e reforma, bem como um horizonte e uma orientação biológica e geopolítica voltados para corpos e espaços degenerados que são descartáveis e ao mesmo tempo lugares de onde se extraem valores. Isso tem implicações para além das linguagens que escolhemos usar. Neste artigo, preconiza-se um imaginário abolicionista que vai além da prisão e se estende a lugares institucionais e a outros mais frequentemente considerados solidários e benévolos, inclusive as comunidades que nós próprios queremos construir.

**Palavras-chave:** Justiça sexual. *Queer*. Crimes de ódio. Transnacionalidade.

## 1 INTRODUÇÃO

Cathy Cohen arrisca levantar a possibilidade de surgir outra política e teoria *queer* nas cinzas do movimento “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis” (LGTB) branco conservador<sup>2</sup>.

Esse movimento acolheria os jovens de cor, os quais, em um contexto neoliberal de negligência, militarização e violência institucional e interpessoal, estão preparados para a morte

<sup>2</sup> COHEN, Cathy. Death and rebirth of a movement: *queering* ethnic studies. *Social Justice*, Chicago, v. 37, n. 4, p. 126-132, 2010-2011.

prematura, independentemente de sua identidade sexual e de gênero<sup>3</sup>. Ao propor a dita “política que emerge da vida de pessoas de cor”<sup>4</sup>, Cohen desafia mais uma vez (i) os pressupostos identitários de um movimento social institucionalizado e profissionalizado que exige que vidas merecedoras de proteção pareçam *queer* e (ii) as argumentações de um cânone *queer* pós-identitário cuja posição padrão em relação ao racismo é moldada pela indiferença ou pela concorrência.

Dada essa falta de informação e explicação, não é de surpreender que o contexto da intervenção de Cohen seja uma conferência sobre os estudos etnocríticos e não um estudo *queer* ou de gênero<sup>5</sup>. Isto me lembra do que está em jogo nos estudos radicais de *queer* de cor em espaços com diversificação disciplinar<sup>6</sup>. Enquanto os estudos de gênero se expandem de formas que frequentemente repetem mais do que interrompem o domínio dos principais movimentos feministas e LGBT em projetos de nação e império, os estudos étnicos enfrentam uma brutal repercussão adversa apesar dos contínuos esforços dos estudiosos em atuar e participar na produção do que Jodi

<sup>3</sup> Sobre morte prematura, ver GILMORE, Ruth Wilson. Fatal couplings of power and difference: notes on racism and geography. *The Professional Geographer*, Londres, v. 54, n. 1, p. 15-24, 2002.

<sup>4</sup> COHEN, 2010-2011, nota 2, p. 131.

<sup>5</sup> COHEN, Cathy. Discurso principal. In: CRITICAL ETHNIC STUDIES AND THE FUTURE OF GENOCIDE. University of California, Riverside, 10-12 mar. 2011.

<sup>6</sup> Embora sejam aqui descritas formações interdisciplinares nos Estados Unidos, também precisamos de relatos de outras partes do mundo, inclusive de países fora do hemisfério norte. Na Alemanha, onde os movimentos sociais continuam a ser predominantemente brancos, os estudos de gênero têm alcançado algum sucesso na identificação de abrigos institucionais. Por outro lado, os estudos críticos étnico-raciais, que nunca foram institucionalizados, começaram a florescer fora do complexo acadêmico-industrial. Ver, por exemplo, DECOLONIZE THE CITY! Berlin, 2012. Disponível em: <<http://www.decolonizethecity>>. Acesso em: 15 set. 2013. (A conferência *Descolonizar a cidade* foi organizada por estudantes racializados de pós-graduação, no Colóquio da Cor em Berlim, que contou com a presença de inúmeras pessoas *queer* e *trans* de cor)

Melamed denomina “bons cidadãos multiculturais”<sup>7</sup>. À medida que os estudos etnocríticos são reinventados como formadores insurgentes de conhecimento que mais resistem ao capitalismo, ao colonialismo e à guerra imperial do que os diversificam, abre-se a possibilidade de se tornarem um lugar para estudos acadêmicos antirracistas, *queer* e *trans*<sup>8</sup>.

Um dos métodos políticos dominantes destacados por Cohen é, além do casamento *gay* e a presença de *gays* nas forças militares, o ativismo contra crimes de ódio<sup>9</sup>. Ela se une a um coro de vozes cada vez mais altas que critica o paradigma de crimes de ódio,

---

<sup>7</sup> MELAMED, Jodi. Reading Tehran in Lolita: making racialized and gendered difference work for neoliberal multiculturalism. In: HONG Grace; FERGUSON, Roderick (Ed.). *Strange affinities: the gender and sexual politics of comparative racialization*, Durham: Duke University Press, 2011. p. 76-109; H-NET discussion networks: critical ethnic studies conference. Disponível em: <[http://cesa.ucr.edu/general\\_info.html](http://cesa.ucr.edu/general_info.html)>. Acesso em: 10 set. 2013. Ironicamente, o convite da crítica para submissão de artigos sobre Estudos Étnicos na primeira conferência sobre Estudos crítico-étnicos foi feito pouco antes da proibição de estudos étnicos no Arizona.

<sup>8</sup> Ver o Convite para apresentação de artigos CESA 2013 (nota 6). Os teóricos e ativistas que atuam nessas interseções têm feito intervenções sempre que possível, mas é interessante observar que, enquanto os estudos de gênero e sexualidade têm, de diferentes formas, se tornado espaços mais relutantes de bolsas para mulheres, *queers* e pessoas *trans* de cor, os estudos críticos étnico-raciais e do direito, pelo menos, prometem se tornar espaços mais abertos. Isso pode ser reflexo de menor investimento destes em narrativas de progresso, direitos e proteções, além de seu longo histórico de questionar como o sistema de justiça criminal, mesmo em seus aspectos mais positivos, atua contra os povos oprimidos de forma que não é nem acidental e nem aberrante. Resta, ainda, comprovar se os estudos críticos étnicos vão expandir e incorporar, em especial, estudos acadêmicos *queer* e de *trans* de cor, cuja contribuição singular para expandir os estudos étnico-raciais está precisamente em seu potencial de desconstruir as normas brancas de gênero e sexualidade que são o cerne da colonialidade.

<sup>9</sup> NAIR, Yasmin. *Why I won't come out on national coming out day* [Por que não vou sair no dia nacional de sair do armário]. 2008. Disponível em <http://www.yasminnair.net/content/why-i-won%E2%80%99t-come-out-national-coming-out-day-9-october-2008>. A autora chama isso de “a Santa Trindade da legislação sobre crimes de ódio, casamento e a política *Não pergunte, não conte*”.

hoje um dos principais tópicos enfocados pelos movimentos LGBT no mundo inteiro, por fortalecer um sistema de “justiça” criminal que visa, de forma desproporcional, a pessoas pobres, de cor ou incapazes ou relutantes em conformar-se a normas e padrões de gênero, sexualidade, saúde e consumo<sup>10</sup>. Até agora, essas vozes críticas têm-se limitado aos Estados Unidos, os maiores exportadores de tecnologias e métodos punitivos da atualidade<sup>11</sup>. A experiência naquele país sugere que aqueles categorizados como carentes de proteção contra a violência frequentemente acabam criminalizados por supostos crimes de ódio contra brancos, heterossexuais e outras pessoas estruturalmente mais poderosas<sup>12</sup>.

Conforme têm mostrado as organizações *queer* de cor, como “Audre Lorde Project” e “Fierce”, a situação fica mais complicada

<sup>10</sup>ME: *Against Equality* Publishing Collective 2012; SPADE, Dean. *Normal life: administrative violence, critical trans politics and the limits of law*. Brooklyn, NY: South End Press, 2012; SPADE, Dean; WILLSE, Craig. *Confronting the limits of gay hate crimes activism: a radical critique*. *UCLA Chicano-Latino Law Review*, Califórnia, v. 21, p. 38-52, 2000.

<sup>11</sup>Desde a aprovação da lei Matthew Shepard e James Byrd Jr. de Prevenção de Crimes de Ódio em 2009, as pessoas do grupo LBGT e incapacitadas têm sido incluídas na lista de populações protegidas. Essa lei representa uma mudança, especialmente na identidade trans, que por muito tempo foi tratada como o “Outro inocente da assimilação *gay*”, mas que subitamente está encontrando vitalização em um regime que nós caracterizamos como “inclusão criminosa”. (HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN, Adi; POSOCCO, Silvia. Introduction: murderous inclusions. *International Feminist Journal of Politics*, Reino Unido, v. 15, n. 4):445- 452, 2013)

<sup>12</sup>GILMORE, Ruth Wilson. *Golden Gulag: prisons, surplus, crisis, and opposition in globalizing California*. California: University of California Press, 2007. Como Gilmore poderia dizer, a implementação opressiva de leis de crime de ódio mostra que o sistema faz o trabalho para o qual foi projetado fazer, mesmo (ou especialmente) em vista dos esforços de reformá-lo; SMITH, Andrea. Unmasking the State: racial/gender terror and hate crimes. *Australian Feminist Law Journal*, Austrália, v. 26, p. 47-57, 2007; ver, também, BASSICHIS, M.; SPADE, D. Racialised-gendered detention and a politics beyond recognition. In: HARITAWORN, Jin *et al.* (Ed.). *Queer necropolitics*. Londres: Routledge, 2013.

ainda para indivíduos pobres e de cor destoantes em termos de sexo ou gênero. Para muitos, essa questão foi bem demonstrada pelo que aconteceu a CeCe MacDonald, uma mulher transgênero que foi violentamente atacada e depois condenada à prisão quando seu agressor faleceu em um confronto subsequente.

Semelhante injustiça criminal foi feita ao “New Jersey-7”, um grupo de lésbicas negras que também se defenderam e que, mais tarde, à exceção de uma, acabaram presas<sup>13</sup>.

Contudo, o que eu denomino paradigma de ódio/crime – a associação de criminalidade e patologia a corpos e populações que já são vistos como odiosos, em que o ódio funciona como um discurso “psi-racializado” – deve ser mais bem apurado<sup>14</sup>. O contexto alemão, em que termos recém-criados como

---

<sup>13</sup>Ver circunstâncias antecedentes em BACKGROUND. *Support CeCe MacDonald!* Disponível em: <<http://supportcece.wordpress.com/about-2/background/>>. Acesso em: 1º set. 2013; INCITE! lessons from the New Jersey 7. *New Left Turn Magazine* set. 2008. Disponível em: <[http://www.incite-national.org/media/docs/9908\\_toolkitrev-nj7.pdf](http://www.incite-national.org/media/docs/9908_toolkitrev-nj7.pdf)>. Acesso em: 1º set. 2013.

<sup>14</sup>Com base nos achados de Sara Ahmed, infiro que emoções como “rancor” “terror” e – argumento – também “ódio” impregnam aos corpos racializados de formas que os afastam da comunidade. Além disso, também proponho, com base nos achados de pesquisadores como Rachel Gorman, Nadia Kanani e Louise Tam, que o ódio funciona como um discurso *psi* que serve normalizador ou segregador de corpos ou populações racializados. [Cf. AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. Nova Iorque: Routledge, 2004; GORMAN, Rachel. Mad nation?: thinking through race, class, and mad identity politics. In: LEFRANJOIS B. A.; MENZIES, Robert; REAUME, Geoffrey. (Ed.). *Mad matters: a critical reader in canadian mad studies*. Toronto: Canadian Scholars’ Press Inc., 2013; KANANI, Nadia. Race and madness: locating the experiences of racialized people with psychiatric histories in Canada and The United States. *Critical Disability Discourse: discours critiques dans le champ du handicap*, Toronto v. 3, 2011; TAM, Louise. *Governing through competency: race, pathologization, and the limits of mental health outreach*. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Arts) – Universidade de Toronto, Toronto, 2012; Sobre discursos psíquicos, ver ROSE, Nikolas. *Governing the soul: the shaping of the private self*. Nova Iorque: Routledge, 1989]

*Hasskriminalität* (crime de ódio) e *Hassgewalt* (violência de ódio) estão longe de ser naturalizados, pode ser informativo. Até o final da década de 2000, a homofobia violenta não era entendida primariamente como uma ação de indivíduos odiosos ou como um ato que necessariamente justificasse a encarceração. Trazendo para o primeiro plano a óptica transnacional de estudos sobre raça, gênero e deficiência e incluindo-a no diálogo crítico com os estudos da afetividade e com os estudos sobre biopolítica e necropolítica, defendo que o paradigma ódio/crime desloca-se em um contexto no qual capital, moldes de identidade e métodos carcerários e biomédicos cruzam fronteiras instantaneamente, o que frequentemente não é logrado por críticas e alternativas.

Nas páginas seguintes, examina-se como o homófobo odioso – que em um contexto de guerra ao terror e ao crime do noroeste europeu é imediatamente reconhecido como muçulmano – aproximou-se de outra figura de ódio, o *Intensivtäter* – o “infrator intensivo”, reincidente e crônico –, que, por sua vez, é forjado em estreito hibridismo com metodologias antinegros que visam a comunidades pobres e racializadas dos Estados Unidos. No final da década de 1990, ele (*sic*) se tornou o mais recente demônio tradicional cuja incapacidade básica de empatia e integração (frequentemente configurada como deficiência mental e física) levou ao consentimento não somente para que fossem executadas sentenças de prisão mais duras e tempestivas para jovens, mas também para que populações escassamente nacionalizadas fossem culturalmente exiladas do domínio da inteligibilidade e legitimidade humana.

A começar pelas proximidades e sobreposições entre a “justiça” sexual e criminal, os discursos carcerários e biomédicos sobre o ódio, a violência e o crime, bem como as insanas, perversas e racializadas representações simbólicas, podemos abordar de forma diferente a prevalência de temas *queer*, multiculturais

e sobre deficiência, forma que, em vez de diversificar, é capaz de abolir sistemas de inclusão assassina e nos libertar para que possamos perceber, formular e reforçar alternativas radicais.

Isso tem implicações óbvias para formações disciplinares que frequentemente são reterritorializadas pelos grupos de eleitores mais privilegiados, que, embora abram a porta, conservam intacta a “casa do amo” – nas palavras frequentemente citadas de Audre Lorde<sup>15</sup>.

## 2 O ÓDIO COMO DISCURSO *PSI*

Embora muitos hoje estejam cientes de que o rótulo “criminoso», incluindo a variante de ódio, tem mais propensão a ser atribuído a pessoas racial e sexualmente oprimidas do que aos racistas, homófobos e transófobos, poucos têm indagado como é possível que a mesma situação ocorra, tratando-se do rótulo “ódio”. Essa questão pode ser relacionada com a ideia de que “o povo lutou por isso”, como um colega sênior estadunidense afirmou a um grupo de *queers* de cor e aliados em Berlim que lhe perguntou o que a recente chegada a Berlim do discurso do “crime de ódio homofóbico” poderá significar para as pessoas racializadas<sup>16</sup>. Mesmo aqueles que rejeitam o crime de ódio como modelo de organização acabam, ainda que de forma parcial,

---

<sup>15</sup>LORDE, A. The master’s tools will never dismantle the master’s house. In: MILLS, Ryan; LEWIS, Sara (Ed.). *Feminist postcolonial theory: a reader*. Nova Iorque: Routledge, 2003. p. 25-28.

<sup>16</sup>Estou plenamente ciente, é óbvio, de que pessoas brancas também são racializadas. No entanto, sigo a maneira como as culturas ativistas canadenses invocam o termo “racializado”, usando-o como uma categoria guarda-chuva que descreve os efeitos do racismo que perpassam diferentes geografias e processos do colonialismo de assentamento, migração e exílio, inclusive em contextos nos quais as categorias, como “pessoa de cor”, não são amplamente acessíveis ou entendidas.



rendendo-se à sua lógica. Por conseguinte, embora às vezes se desmascare do crime de ódio a parte referente ao “crime”, sua contraparte referente ao “ódio” é raramente questionada. Embora eu tenha aprendido bastante com as convincentes metodologias de antiviolença formuladas pelos ativismos radicais de mulheres de cor, *queers* de cor e transexuais de cor na América do Norte, o que inclui a responsabilidade das comunidades, a abolição de prisões e a justiça transformativa, fico impressionada com o fato de o “ódio” (agora como “ódio-violência” em vez de “crime”) ter sobrevivido como fundamento de grande parte desses trabalhos.

Minha intenção não é descartar essas respostas importantes que me ensinaram tanto sobre construção da comunidade contra múltiplas formas de violência, incluindo aquelas cometidas pelo Estado, que é o agressor (*bully*) mais forte contra pessoas pobres, racializadas e desconformes em termos de gênero. Pelo contrário, a proposta é expandirmos nosso imaginário abolicionista indagando como o ódio é atribuído em conjunto não somente com o crime, mas também com a patologia, em forma a amparar e expandir não só a prisão, mas também a psiquiatria e outras instituições de “assistência” e reforma. Defendo, especialmente, que o ódio sempre emana de corpos e “mentes” racializados em maneiras que requerem sua assimilação e segregação na forma de tratamento, educação, policiamento, confinamento e deportação.

Ao dar esse passo adiante e examinar o “ódio” juntamente com o “crime” e a “patologia” como pedagogias análogas que nos educam sobre a necessidade de sistemas assassinos de inclusão, podemos recorrer aos estudos da afetividade como metodologia útil para examinar como se atribui sentido a corpos e populações racializados. Considero especialmente útil o argumento de Sara Ahmed de que a afetividade fixa-se nos corpos de formas diferentes, produzindo estranhos afetivos, como o “migrante melancólico”, que em sua orientação retrógada voltada para bens

perdidos e más experiências estorva o caminho da felicidade multicultural<sup>17</sup>. Ao considerar o Outro odioso como um estranho afetivo que ameaça a visão nostálgica de uma comunidade sem violência, é ainda mais marcante o apelo para que se tome alguma atitude que essa figura impõe aos seus observadores.

Tal consideração apela para uma intervenção autoritária e, conseqüentemente, requer uma crítica claramente institucional. Convém notar, especificamente, que figuras como o migrante melancólico, o desordeiro negro e o homófobo odioso suscitam a autoridade psiquiátrica – o diagnóstico, o perfil e o “tratamento” de populações “deprimidas”, “esquizofrênicas” ou, então, “desajustadas” que são incapazes de controlar os seus impulsos ou atuar em uma sociedade civilizada<sup>18</sup>.

Seguindo as contribuições dos estudiosos antirracistas da deficiência e do estudo da loucura podemos identificar como o discurso sobre a inferioridade física e mental de populações racializadas informou projetos sucessivos de colonialismo, escravidão, genocídio e imigração e continua a apoiar regimes carcerários, biomédicos e militares, dentre outros de controle e reforma<sup>19</sup>.

Ao prestar maior atenção nos locais onde os corpos são distribuídos em populações de acordo com a sua “estirpe”,

---

<sup>17</sup>AHMED, 2004, nota 14; AHMED, Sara. *The promise of happiness*. Durham: Duke University Press, 2010.

<sup>18</sup>Ver METZL, Jonathan *The protest psychosis: how schizophrenia became a black disease*. Boston, MA: Beacon Press, 2009; VERGES, Françoise. *Monsters and revolutionaries: colonial family romance and metissage*. Durham, NC: Duke University Press, 1999. p. 185-245. A proximidade entre o sujeito racializado e o sujeito louco requer uma abordagem mais crítica que reconheça sua origem no discurso psíquico. [Ver GORMAN, Rachel Social theory in the disabled nation: class and the quagmire of affect, historical materialism. In: TORONTO HISTORICAL MATERIALISM CONFERENCE (Conferência de Toronto sobre materialismo histórico), 2012. Arquivo do autor]

<sup>19</sup>Para um excelente panorama, ver KANANI, 2011, nota 14.

sou inspirada por empreendimentos atuais dos estudos críticos etnoraciais que indagam como os sujeitos e as populações são criados para a vida e para a morte, geralmente sob moldes mais antigos da degeneração que precisam ser entendidos nos limites de contínuas histórias de racismo, eugenia, colonialismo e genocídio e das práticas espaciais de segregação, confinamento e deportação delas resultantes. Alguns desses estudos interagem com a biopolítica e a necropolítica, indagando como corpos racializados são identificados como aqueles de quem, nas palavras de Foucault, “a sociedade deve ser defendida”<sup>20</sup>.

Se essa questão é mais nítida nos processos de fabricação da morte, ela também tem igual influência sobre o modo como os sujeitos se habilitam para a vida, para a visibilidade pública e para a cidadania. Em nossa introdução à *Necropolítica queer*, Adi Kuntsman, Silvia Posocco e eu observamos que frequentemente a vitalização dos sujeitos *queer* (brancos) mantém-se próxima aos locais onde indivíduos *queer* ou *trans* foram (e muitas vezes continuam sendo, apesar de alegações pós-homofóbicas/transfóbicas do contrário) condenados à morte social ou, mesmo, física. A assimilação dos *gays* requer que uma ascensão da insanidade e da criminalidade que é mais bem desempenhada como *expertise* sobre aqueles que devem ser segregados<sup>21</sup>. Como será um

<sup>20</sup>FOUCAULT, Michel. *Society must be defended: lectures at Collège de France (Em defesa da sociedade: palestras proferidas no Collège de France)*, 1975-1976. Ed. Mauro Bertani e Alessandro Fontana. Nova Iorque: Picador 2003. p. 239-264; MBEMBE, Achille. *Necropolitics. Public Culture*, Durham, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.

<sup>21</sup>Para uma coleção de artigos emergentes sobre necropolítica *queer*, ver HARITAWORN; KUNTSMAN; POSOCCO, 2013, nota 10; ver também HONG, Grace; FERGUSON, Roderick (Ed.). *Strange affinities: the gender and sexual politics of comparative racialization*. Durham: Duke University Press, 2011; ROBERTS, Dorothy. *Fatal invention: how science, politics, and big business re-create race in the twenty-first century*. Nova Iorque:

projeto abolicionista que presta “assistência” e, ao mesmo tempo, pune instituições e examina processos de exclusão juntamente com processos de “inclusão assassina”?

Narrativas de ódio são elucidativas nesse caso. Nos laudos criminais, escritos de ativistas e textos publicados na mídia sobre crimes violentos e crimes homofóbicos de ódio que examino aqui, ambos aparecem normalmente lado a lado como definições relacionadas que caracterizam os jovens racializados da classe trabalhadora. Estão ao serviço um do outro para dar a entender que aqueles caracterizados como odiosos – que não sabem dominar suas emoções – parecem estar predestinados a se tornar pessoas violentas, criminosas, que precisarão ser punidas ou reformadas. A personalidade odiosa lembra o “indivíduo perigoso” descrito por Foucault<sup>22</sup>. Nessa reflexão sobre a crescente presença de peritos em psiquiatria nos tribunais, Foucault observa que o foco passa do crime para o criminoso e o que se pune deixa de ser algo que já aconteceu para passar a ser algo que poderá acontecer futuramente, um potencial de dano que pode ser previsto mediante a dissecação do mecanismo interno do portador do problema. Como Nikolas Rose e Dorothy Roberts observaram, essa mentalidade está sendo atualmente ensaiada com a emergência da biopsiquiatria e da biocriminologia e com

---

New Press, 2011; PUAR, Jasbir K. *Terrorist assemblages*: homonationalism in queer times. Durham: Duke University Press, 2007; SPADE; WILLSE, 2000, nota 10. Para textos sobre abolicionismo na prisão e na psiquiatria, ver BEN-MOSHE, Liat. Disabling incarceration: connecting disability to divergent confinements in the USA. *Critical Sociology*, Nova Iorque, v. 39, n. 3, p. 385-403, 2011; BURSTOW, Bonnie. The withering away of psychiatry: an attrition model for antipsychiatry. In: A CONFERENCE FOR ORGANIZING RESISTANCE AGAINST PSYCHIATRY OISE, Toronto, 2010, 7-8 de maio de 2010. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/psychout/papers/burstow\\_keynote.html](http://individual.utoronto.ca/psychout/papers/burstow_keynote.html)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>22</sup>FOUCAULT, Michel. Sobre o conceito de “indivíduo perigoso” na psiquiatria forense do século XIX. *International J. L. & Psychiatry*, Nova Jersey, v. 1, p. 1-18, 1978.

a renovada tentativa de identificar futuros criminosos através de seus genes ou encéfalo frontal<sup>23</sup>.

Todavia, enquanto Roberts, de seu ponto de vista feminista de cor, destaca a sobrevivência de discursos eugenistas sobre raça, classe e crime em experimentos realizados em crianças negras de escolas localizadas em bairros marginalizados nos centros das cidades estadunidenses, Rose, comentando sobre o mesmo “material”, mas sob uma perspectiva puramente foucaultiana que desconsidera a raça, chega a uma conclusão diferente e um tanto quanto otimista. Diferentemente da antiga figura criminológica do “criminoso nato”, argumenta ele, estudos recentes, a cujos usos e abusos ele se mantém parcialmente aberto, são claramente pós-eugênicos, uma vez que somente assumem o potencial de uma violência que primeiro precisa ser despertada<sup>24</sup>.

Proponho que essa visão binária entre biologia e construção social, ciências naturais e ciências sociais, natureza e educação é incapaz de apreender como os públicos são levados a ver alguns como menos humanos do que outros e a consentir que eles sejam banidos dessa categoria e excluídos de seus benefícios. De fato, todos os perfis de personalidade examinados a seguir são concebidos para parecerem pós-eugênicos (e pós-raciais) e para se distanciarem de explicações puramente biológicas. Tanto em estudos de caso apresentados na mídia como em relatórios estatísticos, os perpetradores são descritos como jovens de cor

<sup>23</sup>ROSE, Nikolas. Screen and intervene: governing risky brains. *History of the Human Sciences*, Durham, v. n. 23, n. p. 79-105, 2010; ROBERTS, Dorothy. Crime, race, and reproduction. *Tulane Law Review*, Tulane, v. 67, n. 6, p. 1.945-1.977, 1993. Para uma genealogia das tentativas da biopsiquiatria de reinscrever o vínculo entre raça e violência, ver BREGGIN, Peter. Campaigns against racist federal programs by the Center for the Study of Psychiatry and Psychology. *Journal of African American Studies*, Ohio, v. 1, n. 3, p. 3-22, 1995.

<sup>24</sup>Ver SINGH Ilina; ROSE, Nikolas. Biomarkers in psychiatry. *Nature*, Reino Unido, n. 460, p. 202-207, 2009.

que foram vítimas de violência familiar, exclusão na escola, incapacidade de mobilidade social e discriminação. Além disso, assinalar o fim da eugenia como o princípio do construtivismo social torna-se um problema quando revisitamos relatos de eugenistas do início do século XX que já haviam fundido explicações sociais e biológicas e que, em termos de determinismo biológico, não eram tão puros quanto se imagina hoje em dia<sup>25</sup>. Portanto, uma abordagem mais útil poderia ser examinar como sistemas de referência aparentemente antagônicos em termos de natureza *versus* educação, punição *versus* assistência (e podemos acrescentar *gays versus* muçulmanos) se combinam para descrever corpos racializados como degenerados de formas que colocam em harmonia grupos políticos altamente distintos, incluindo aqueles grupos favoráveis ao governo constituído.

São úteis, nesse caso, narrativas de ódio que, como vou ilustrar, são frequentemente descritas como uma emoção causada por danos e ao mesmo tempo danosa. O ódio assemelha-se à raiva, a qual tem sido mais analisada e mais amplamente contestada, inclusive em discussões antirracistas e feministas sobre opressão e resistência à patologização<sup>26</sup>.

Ambos são frequentemente descritos como respostas a experiências negativas e diminuídos como excessivos, irracionais e descabidos. No entanto, diferentemente do ódio, a raiva já foi classificada como uma reação justa à opressão, como nesta afirmação de Malcolm (no caso *Malcolm X Speaks*) tão frequentemente citada: “Geralmente quando as pessoas estão tristes, nada fazem.

---

<sup>25</sup>Ver HALMI, Alice. *Kontinuitäten der Zwangspanychiatrie (Continuidades de psiquiatria compulsória)*. 2008. Disponível em: <<http://www.irrenoffensive.de/kontinuitaeten.htm>>. Acesso em: 10 set. 2013. Alice Halmi faz esta análise com base em Bonhoeffer, psiquiatra alemão do século XX.

<sup>26</sup>Ver, por exemplo, HOOKS, Bell. *Killing rage: ending racism*. Harmondsworth, UK: Penguin, 1996. METZL, 2009, nota 18.

Apenas choram sua condição. Quando coléricas, porém, provocam uma mudança”<sup>27</sup>. Um excelente exemplo disso, extraído dos estudos de gênero, é a figura da feminista negra colérica, cuja raiva é celebrada e enaltecida, mesmo quando aqueles assim interpelados são também frequentemente demonizados e patologizados. Em contrapartida, o ódio carece de conotações e reivindicações positivas. Ele é aparentemente irremediável e, embora seja constantemente explicado em múltiplas etiologias, ainda assim caracteriza o humanamente inexplicável.

Analiso aqui como os estudos de caso de perpetradores violentos frequentemente assumem a forma genérica de narrativas de empatia, enfocando evidências de abuso de menor, pobreza, discriminação e outras “experiências ruins” que à primeira vista podem parecer razões compreensíveis para se sentir mal. Não obstante isso, ainda que as causas do ódio sejam compreensíveis, a reação de ódio e as ações subsequentes não o são, imediatamente o tornando atroz. Isso serve para reescrever a velha cadeia de raça, classe e crime como aquela em que há ou não empatia com o sofrimento. Odiar é revelar a impulsividade e irracionalidade da pessoa, bem como sua incapacidade de se comportar como sujeito civilizado capaz de dominar os seus impulsos destrutivos, sentir empatia pela dor dos outros e provar o seu potencial de mudança.

Nos perfis de personalidade a seguir, o perpetrador odioso configura-se como o externo constitutivo do cidadão neoliberal, que controla seus sentimentos e consegue falar sobre eles, expressa-se e assume a responsabilidade por sua própria pessoa, esforçando-

---

<sup>27</sup>BREITMAN, G. (Ed.). *Malcolm X Speaks: selected speeches and statements*. Nova Iorque: Grove Press, 1994. v. 125, p. 107. É interessante observar que, ao pesquisar essa citação, fui primeiramente direcionado para o website CHANGE-MANAGEMENT-COACH. *Change quotes*. Disponível em: <<http://www.change-managementcoach.com/change-quotes.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014. O que quero dizer é que declarações antirracistas rotuladas como depressão são geralmente patologizadas mesmo em comunidades antirracistas.

se assim, constantemente, para ter inteligência emocional, boa comunicação e autorrealização<sup>28</sup>. Se essa é uma estratégia de classificação por meio da qual, como afirma Beverly Skeggs, a classe média branca se distingue da classe trabalhadora branca, reformável, o perpetrador racializado permanece incultivável<sup>29</sup>. Seu ódio representa uma incapacidade de amar e perdoar, de se comportar de acordo com os valores cristãos de uma comunidade declaradamente secular e como sujeito pacífico em tempos de guerra. De fato, nos perfis de personalidade e análises incontestáveis de regressão estatística que examino aqui, a propensão da pessoa ao crime aumenta conforme seu grau de religiosidade no caso de muçulmanos, mas não no caso de cristãos, pois o amor ao próximo torna estes últimos mais pacíficos e tolerantes.

Será coincidência que o ódio tenha se tornado uma propriedade muçulmana, que está se alastrando porque a maioria dos racializados no noroeste da Europa é reconstruída como muçulmanos, como uma única população globalmente intercambiável?<sup>30</sup> Que corpos se configuram como odiosos em diferentes épocas e lugares? Nos textos alemães que examino neste texto, os estudos em língua inglesa sobre crime que foram elaborados no contexto antinegro dos Estados Unidos são facilmente assimilados numa estrutura antimuçulmana que é, ela própria, altamente transnacional. De que maneira o criminoso odioso e o homófobo odioso trazem para casa os fantasmas globalizados do terror muçulmano e da fúria muçulmana, refazendo a pergunta aparentemente sem resposta

<sup>28</sup>ROSE, 1989, nota 14.

<sup>29</sup>SKEGGS, Beverly The value of relationships: affective scenes and emotional performances. *Feminist Legal Studies*, Ontario, v. 18, n. 1, p. 29-51, 2010.

<sup>30</sup>Sobre o tema globalização de figuras definidas por gênero do islamismo, ver YILDIZ, Yasemin. Turkish girls, allah's daughters, and the contemporary german subject: itinerary of a figure. *German Life & Letters*, Alemanha, v. 1, n. 62, n. 4, p. 465-481, 2009.



– “Por que nos odeiam tanto?” – a vários grupos políticos e em diversas escalas? Como examino a seguir, a figura do Outro odioso tem ocupado, também, uma posição central no surgimento geminado de um sujeito *queer* respeitável que é inocente e digno de inclusão e reconhecimento e de uma comunidade aberta ao homossexual que está disposta a protegê-lo. É para esse “drama dos amantes *queer* e do Outro odioso” que me volto agora.

### 3 AMANTES *QUEER* E O OUTRO ODIOSO

Eu estava na sala de estar de um amigo somente com pessoas brancas. Um indivíduo que eu conhecia havia um tempo tinha acabado de tomar hormônios: era agora um homem *cis* que havia sido *trans* anteriormente. Ele tinha em casa alguns medicamentos de que não precisava mais. Eu disse que não estava conseguindo achar um médico que me atendesse por seguro de saúde. ‘Eu os compro de você’. E mais tarde ele, muito amavelmente, deu-me os medicamentos de graça. As outras pessoas brancas na sala pediram-lhe que contasse algumas de suas experiências como branco *trans* em Berlim; ele estava morando em Kreuzberg. Então, quatro ou cinco minutos depois, ele estava contando como os turcos em Kreuzberg e Neukölln o olhavam quando andava na rua e faziam comentários depreciativos. Eu perguntei: ‘Turcos? O que você quer dizer com ‘turcos’? Ele respondeu: ‘Ah sim, e os árabes também’. Fiquei em silêncio. Havia mais três pessoas na sala... Todas olharam para mim porque sabiam que o que ele disse foi repulsivo e que eu não ia gostar da atitude dele. E eu não sou uma pessoa estúpida; vi nos olhos delas que estavam me dizendo para eu ‘deixar para lá’, que a dor dele tinha mais valor e precisava ser mais visível que a minha. Por isso “deixei para lá”, mas foi-se acumulando. Daí, uma semana depois eu disse aos outros três: ‘Vocês sabem o tanto que aquilo foi errado? Quando ele estava

descrevendo aquela experiência transfóbica na rua, como aquela descrição constrói a minha experiência como árabe trans? Dá a entender que eu sou transfóbico. E se vão distribuir medalhas e ele tem o direito de falar sobre experiências transfóbicas na rua, então me dê uma medalha, querida’... Eles estavam falando de brancos serem maltratados e ao mesmo tempo cometendo outra injustiça na mesma sala, tornando essa situação totalmente repulsível<sup>31</sup>.

Começo com essa afirmação de Charlie Abdullah Haddad, um ativista *trans* de cor que mora em Berlim e a quem entrevistei sobre a situação da política *queer* no país<sup>32</sup>. Recorro às palavras de Charlie para entender os processos que permitem que algumas narrativas *queer* encontrem um público, enquanto outras ficam presas nas salas de estar (ou debaixo de línguas *queer*).

As “experiências” aqui descritas não nos dão acesso imediato à violência contra “pessoas *trans*”, “*queer* de cor” ou qualquer outra nova posição desejável de sujeitos que tenha se tornado identificável sob condições de imperialismo *gay* e de homonacionalismo. Em vez

---

<sup>31</sup>HADDAD, Charlie Abdullah. Entrevista no verão de 2012.

<sup>32</sup>Ver BULLY BLOGGERS. *Where now?* From pride scandal to transnational movement. 26 jul. 2010. Disponível em: <<http://bullybloggers.wordpress.com/2010/06/26/where-now-from-pride-scandal-to-transnational-movement/>>. Acesso em: 10 ago. 2014. As entrevistas que tenho realizado com ativistas *queer* e *trans* de cor em Londres e Berlim sugerem, até o presente, que as posicionalidades *queer* e *trans* de cor que criticam a racialização de políticas e culturas LGBT continuam a ser suprimidas, mesmo tendo em vista o crescente interesse internacional sobre o tema do homonacionalismo alemão, após o escândalo do racismo do orgulho em 2010, que se tornou mais conhecido como “A recusa de Butler”. Também estou interessado em entender a simpatia por corpos *queer* de cor e transgênero (geralmente representados anti-interseccionalmente) e a concomitante omissão de se analisar o papel fundacional do racismo em vitalizar grande parte da organização *queer* e *trans* no noroeste europeu neste momento. Contra isso, dou destaque à crítica da branquitude que, a meu ver, deve preceder a exigência de tornar transparentes as vidas de pessoas *queer* e *trans* de cor.

disso, o relato de Charlie das diferentes cenas de violência – a rua, a sala de estar *queer* – nos convida a questionar as próprias economias e relações de produção, circulação e troca através por meio das quais são fabricadas verdades sobre violência e ocorrem complementações às cenas e situações de maus-tratos. Esse relato nos permite entender as narrativas de violência como geradoras e distribuidoras de biovalor. Sujeitos anteriormente degenerados encontram voz, visibilidade, publicidade e vitalidade na frente de públicos e contrapúblicos que conseguem se reunir pela primeira vez em um território racializado habitado por populações violentas, criminosas e criminalmente homofóbicas cujas propriedades degeneradas são muito mais difíceis de contestar. A “Berlim aberta aos *gays*” toma forma em cenários afetivos e narrativas biopolíticas de “Kreuzberg e Neukölln” como o centro decadente e “perigoso” que pretence aos “turcos... Ah, sim, e também aos árabes.” Contudo, a circulação de corpos e intimidades *queer* é desigual. Enquanto alguns corpos se tornam visíveis nesse cenário criminal, outros desaparecem de vista. Embora algumas histórias fluam com facilidade, outras é melhor “deixar para lá”. Aquelas que tomam corpo são atuais e ganham aceitação (nas palavras de Adi Kuntsman)<sup>33</sup>.

São recompensadas, ganham “medalhas”, como diz Charlie. Acumulam biovalor convertendo o corpo *queer* sofrente em um recurso cujas energias e feridas podem ser empregadas para acumular capital.

Ainda assim, se a promessa de inclusão for feita a muitos, o retorno desses “investimentos íntimos”, como colocam Agathangelou, Bassichis e Spira, não são os mesmos em todos os pontos de partida *queer*<sup>34</sup>.

<sup>33</sup>KUNTSMAN, Adi. *Figurations of violence and belonging: queerness, migranhood and nationalism in cyberspace and beyond*. Oxford: Peter Lang, 2009.

<sup>34</sup>AGATHANGELOU, Anna; BASSICHIS, M. Daniel; SPIRA, Tamara L. Intimate investments: homonormativity, global lockdown and the seductions of empire. *Radical History Review*. Durham, v. 100, p. 120-143, 2008.

A declaração de Charlie mostra como o corpo transgênero, que apenas recentemente, e de forma incompleta, saiu da prisão e do hospício, torna-se interessante em um cenário em transformação moldado pela gentrificação, guerra ao terror e pânico moral com relação à criminalidade e à integração. Demasiadamente excessivo para políticas “LGB-enganosamente T”, sua impressionante proximidade com a morte (como alvo de ódio, já sempre ferido e moribundo) o torna na vítima ideal<sup>35</sup>. Isso complica teorizações anteriores de apegos feridos e cidadania traumatizada.

O argumento de Wendy Brown de que frequentemente os pedidos de reconhecimento são feitos em cadência com a ferida é útil, principalmente para entender a aquisição global do ativismo contra os crimes de ódio como questão política mais recente<sup>36</sup>.

As atuações feridas, contudo, atuam de maneira diferente em corpos diferentes. Em vez de um sujeito universalmente ferido, seria mais útil examinar as condições em que alguns “ferimentos” se tornam espetaculares enquanto outros parecem ser autoinfligidos ou insignificantes. Essa ideia é bem ilustrada pelo cenário em transformação do reconhecimento de transgêneros, que, como Charlie demonstra, não se abre de igual maneira para todas as

<sup>35</sup>Sobre vítima/sujeito, ver KAPUR, Ratna. *Erotic justice: law and the new politics of postcolonialism*. New Delhi: Permanent Black, 2005; sobre “LGB-fake-T”, ver SPADE Dean. *Fighting to win*. In: SYCAMORE Mattilda Bernstein (Ed.) *That’s revolting!: queer strategies for resisting assimilation*. Nova Iorque: Soft Skull Press, 2004. p. 31-37; para uma discussão mais detalhada sobre o lugar dos corpos *trans* de cor prejudicados em ascendências de transgênero, ver HARITAWORN, Jin; SNORTH, Riley. *Trans necropolitics*. In: AIZURAA., STRYKER, S. (Ed.) *Transgender studies reader*. Nova Iorque: Routledge, 2013. v. 2.

<sup>36</sup>BROWN, Wendy. *Wounded attachments*. *Political Theory*, Baltimore, v. 21, n. 3, p. 390-410, 1993; para uma crítica anterior, ver COULTHARD, Glen. *Discurso*. In: CRITICAL ETHNIC STUDIES AND THE FUTURE OF GENOCIDE. University of California, Riverside, 10-12 mar. 2011. Críticas futuras poderão focar como a figura, semelhante a uma ferida, reifica a doença e a incapacidade como indesejáveis e as reduz a uma metáfora.

pessoas trans. Embora atraia alguns, como peritos, consultores e parceiros de coalizão – frequentemente aqueles menos vulneráveis à violência por motivos de raça, privilégios de sua posição social e qualificações profissionais –, a realidade é que as pessoas *trans* mais vulneráveis à violência têm menos capacidade de contar histórias que possam ser consideradas dignas da esfera política e são empoderadas essencialmente em sua morte (social ou física).

Segundo Charlie, um árabe *trans* que recusa autenticar uma etiologia racista de violência não tem valor nesse sistema de troca. Na ausência de uma comunidade *queer* disposta a considerar as vidas *trans* de cor (principalmente *trans* femininas) vulneráveis e mulheres *trans* de cor como parceiras de coalizão, participar em conversas sobre violência na sala de estar *queer* significa apenas perder terreno frágil.

No espaço disponível para Charlie, o diálogo sobre violência e antiviolência segue um binário racializado de perpetradores (pessoas de cor não *trans*) *versus* vítimas (pessoas *trans* brancas). Na lógica desse binário, ser árabe *trans* significa ser “transfóbico”<sup>37</sup>.

Com efeito, conforme mencionado, o caso dos Estados Unidos, onde já existem leis contra crimes de ódio, mostra que as pessoas de cor desconformes em termos de gênero que são vítimas de violência raramente recebem proteção do sistema de “justiça” criminal, mas têm mais probabilidade de ser criminalizadas<sup>38</sup>. O policiamento das múltiplas formas de violência estende-se à sala

<sup>37</sup>Obviamente, tem-se também descoberto que os árabes *trans* são sujeitos vítimas que autenticam os discursos racistas e imperialistas de uma forma que torna possível que pessoas *trans* brancas assumam a soberania como seus resgatadores e representantes. No entanto, isso torna uma posicionalidade árabe antirracista *trans* totalmente inautêntica e impossível.

<sup>38</sup>Ver STANLEY, Eric; SMITH, Nat (Ed.). *Captive genders: trans embodiment and the prison industrial complex*. Oakland: AK Press, 2011. Isso ocorre em todos os níveis de polícia, tribunais e prisões, os quais têm sido descritos como locais de grande e sistemática segregação de gênero e violência de gênero.

de estar *queer*. Contar suas experiências com essas formas de violência não suscita empatia, mas faz a pessoa parecer perversa, incoerente e desmerecedora da comunidade. Para pessoas *queer* e *trans* de cor, o diálogo antirracista e antiviolência pode nos jogar em um canto, de onde somos obrigados a assistir à contração do espaço à nossa volta em diversos graus: desde o corpo desconforme em termos de gênero até a sala de estar *queer* e a vizinhança gentrificadora. Nessa economia de (anti)violência, o valor e a patologia não são distribuídos aleatoriamente, mas seguem poderosas linhas em que populações são forjadas, recursos (desde hormônios até moradia) são distribuídos e chances de vida ou morte são concedidas ou recusadas<sup>39</sup>.

Olhemos mais de perto as intimidades *queer* que se têm mostrado merecedoras de proteção nessa economia. No público alemão, o beijo *queer* assumiu enormes proporções. Um exemplo é o beijo entre dois homens brancos que foi estampado em um artigo publicado em um jornal importante sobre um estudo psicológico encomendado pela maior organização *gay* existente<sup>40</sup>.

No estudo, foram observadas as atitudes de crianças “migrantes” em idade escolar em relação aos homossexuais, que foram comparadas com as de seus pares “alemães”, classificando claramente as primeiras como uma população estrangeira<sup>41</sup>.

<sup>39</sup>Ver GILMORE, 2007, nota 12; SPADE, 2012, nota 10.

<sup>40</sup>GRASSMANN, Philip. *Migrantenkinder gegen Schwule*: homophobes Berlin (*Crianças migrantes versus gays*: Berlim homofóbica). *Sueddeutsche Zeitung*, 17 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.sueddeutsche.de/panorama/migrantenkinder-gegen-schwule-homophobes-berlin-1.335341>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>41</sup>O termo “migrante” foi originalmente proposto para descrever as lutas através de múltiplas gerações e múltiplas diásporas contra a construção racista de pessoas racializadas como “estrangeiras”, mas assumiu seu substituto eufemístico. Para uma crítica sobre o “eterno migrante” como figura que mantém a branquidade do

Outro exemplo são os pôsteres de beijos patrocinados pelo Estado e as paradas do beijo anuais nas “áreas problemáticas” de Berlim, ensinando aos habitantes (em alemão, turco e árabe) que o “amor merece respeito!”<sup>42</sup> A reforma do Outro ineducável encontra seu reflexo material na regeneração do centro decadente. Com a queda do muro, o antigo *Ausländerghetto* (gueto dos estrangeiros) migrou para o centro da cidade, dando início ao seu renascimento como “bairro multicultural”, onde agora os ricos e os *yuppies* gostam de morar, comer e trabalhar. Como Charlie documenta no relato, *queers* com privilégios de raça e classe social têm estado entre os gentrificadores e deixado sua pegada nessas áreas, declarando-as perigosas. No que denomino “drama dos amantes *queer* e o Outro odioso”, uns passam a ser bem-vistos e emergem como inocentes e merecedores de proteção e sobrevivência, enquanto outros são reinscritos como patógenos degenerados que precisam ser deslocados das áreas a que antes foram confinados para que elas possam se “regenerar”<sup>43</sup>.

O amante *queer* que escapou por um triz do armário, da prisão e do hospício vê a luz do dia quando se inscreve em valores

---

povo germânico, ver EL-TAYEB, Fatima *European others: queering ethnicity in postnational Europe*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

<sup>42</sup>Ver os pôsteres financiados pelo governo local em resposta ao *Festival Drag* em: “LOVE deserves respect” campaign: the portrayal of ethnic minorities in advertising. Disponível em: <[Http://noasharfberlin.blogspot.com.au/2009/06/love-deserves-respect-campaign.html](http://noasharfberlin.blogspot.com.au/2009/06/love-deserves-respect-campaign.html)>. Acesso em: 10 ago. 2014. Para uma discussão mais detalhada, ver HARITAWORN, Jin. *Queer injuries: the racial politics of “hate crime” in Germany*. *Social Justice*, Chicago v. 37, n. 1, p. 69-89, 2010-2011.

<sup>43</sup>Para uma análise de gentrificação *queer*, ver PETZEN, Jennifer. *Gender politics in the New Europe: “civilizing” muslim sexualities*. 2008. 240 f. Tese (Doutorado, Ph.D) – Universidade de Washington, Washington, 2008; DECOLONIZE queer: from gay pride to white pride? Why marching on east London is racist. *Decolonizing Sexualities Network*, Londres, 15 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.decolonizingsexualities.org/decolonize-queer/>>. Acesso em: 10 ago. 2014; HANHARDT, Christina. Butterflies, whistles, and fists: Gay Safe Street Patrols and the New Gay Ghetto. *Radical Hist. Rev.*, Durham, n. 100, p. 61-85, 2008.

neoliberais, nacionais e transnacionais, incluindo: ser branco e estar em conformidade de gênero; privacidade, respeitabilidade e beleza; liberdade e livre-arbítrio; integração e segurança pública; segurança pública e proteção; e diversidade e vitalidade. É esclarecedora a definição de homonormatividade de Lisa Duggan como

nova política sexual neoliberal [...] que não contesta as premissas e instituições heteronormativas dominantes, mas as respeita e as apoia ao mesmo tempo que promete a possibilidade de um eleitorado *gay* desmobilizado e uma cultura *gay* privatizada, ancorada na domesticidade, no consumo e na privacidade<sup>44</sup>.

Se a inocência e o merecimento do amante *queer* nessas imagens estão codificados nos termos do neoliberalismo – mediante o seu potencial de reconhecimento “como um de nós” (por meio de sua raça branca, masculinidade e conformidade em termos de gênero e dentro dos parâmetros estéticos da cultura consumista global) –, sua súbita ascensão ao encanto e à graça ocorre, não obstante isso, em cenários moldados por contínuas histórias de racismo que antecedem o neoliberalismo e são irredutíveis a ele.

Essa questão fica mais clara quando voltamos a atenção para o Outro odioso e o vemos como a figura sem a qual, a meu ver, essa ascensão não seria possível. Temos à nossa disposição uma série de dados analíticos que nos ajudam a entender o amante *queer* e sua nova desejabilidade aos olhos dos novos públicos abertos à comunidade *gay* que se reúnem à sua volta. Além da homonormatividade, os estudos da afetividade – principalmente as críticas feitas ao amor romântico – ajudaram-nos a entender por que instituições, como o casamento, que foram historicamente usadas para demonizar os *queers* não somente se tornam objetos de

<sup>44</sup>DUGGAN, Lisa. *The twilight of equality?: neoliberalism, cultural politics, and the attack on democracy*. Boston: Beacon Press, 2003. p. 179, 190.



desejo dessas pessoas, mas também permitem que *queers* que se apresentem como homonormativos também se tornem desejáveis<sup>45</sup>. Todavia, diferentemente do amor, o ódio até agora tem estado protegido de críticas. Como podemos desnaturalizar seu domínio sobre as imaginações antiopressivas?

Nesse caso, uma análise transnacional seria esclarecedora. Em contraste com os Estados Unidos, onde o discurso do crime de ódio está associado ao legado do movimento dos direitos civis, na Alemanha esse discurso é mais recente e reflete o percurso assimétrico das metodologias políticas de movimentos sociais globalizantes. Até o final da década de 2000, termos como *Hasskriminalität* (crime de ódio) e *Hassgewalt* (violência de ódio) não eram muito utilizados nem mesmo compreensíveis no ativismo antiviolença na Alemanha. Não tiveram repercussão as tentativas por parte de ativistas antirracistas de provocar, com o rótulo de crime de ódio, indignação contra a irrupção de movimentos tipo *pogrom* que acompanhou a integração da Alemanha “unificada”<sup>46</sup>.

Em contraste, temos o discurso de crime de ódio contra os LGBTs que chegou às manchetes em 2008 e encontrou terreno fértil, avançando com esforço durante mais de uma década de pânico moral causado pela “homofobia muçulmana”. Já descrevemos os marcos desse pânico moral em outra publicação,

<sup>45</sup>LOVE, Heather. Compulsory happiness and queer existence. *New Formations*, Londres, v. 63, p. 52-64, 2007. Como Love argumenta, as instituições *queer* fóbicas passam a ser desejáveis aos *queers* dadas as afetividades destas: além de prometerem normalidade, elas também prometem felicidade); ver também BERLANT, Lauren. Love, a queer feeling. In: DEAN, T.; LANE, C. (Ed.). *Homosexuality and psychoanalysis: an introduction*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2001. p. 432-451.

<sup>46</sup>Para mais informações sobre o contexto pós-unificação, ver CAMPT, Tina. The crowded space of diaspora: intercultural address and the tensions of diasporic relation. *Radical History Review*. Durham, v. 83, p. 94-113, 2002.

mas vou brevemente repetir alguns deles aqui<sup>47</sup>. Suas primeiras encarnações são os comunicados oficiais das maiores organizações *gays* de Berlim no final da década de 1990, que apresentaram o fantasma da homofobia de imigrantes a um público inicialmente pouco representativo<sup>48</sup>.

Em meados da década de 2000, esse público aumentou, uma vez que essas organizações tinham conseguido estrategicamente acorrentar o recém-nascido “imigrante homofóbico” a números mais elevados de “assassinos defensores da honra”, terroristas e rejeitadores da integração.

O “migrante homofóbico” apareceu destacadamente no horizonte da nação alemã com o debate em torno do “teste muçulmano”, exame proposto para a concessão de cidadania

---

<sup>47</sup> Existem muitos exemplos desse tipo de organização e jornalismo LGBT para serem discutidos aqui. Para um relato historiográfico detalhado da mudança na política sexual predominante para “migrantes” e a conversão da homofobia em um “problema muçulmano”, ver HARITAWORN, Jin; PETZEN, Jennifer. *Invented traditions, new intimate publics: tracing the german “muslim homophobia” discourse*. In: FLOOD, C. *et al.* (Ed.): *Islam in its international context: comparative perspectives*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011. p. 48-64; Para três relatos jornalísticos com papel na racialização da homofobia como um problema de jovens “migrantes” criminalmente violentos, ver FEDDERSEN, Jan. *Was guckst du? Bist du schwul? (O que você está olhando, gay?)*. *Taz.die Tageszeitung*, 8 nov. 2003. Disponível em: <<http://www.taz.de/Ab0/!p4209/>>. Acesso em: 10 ago. 2014; STEUER, Sascha. *Homosexualität: Die jüngsten Übergriffe machen uns Angst (Homossexualidade: os recentes ataques nos tornam temerosos)*, *Tagesspiegel*, 6 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.tagesspiegel.de/berlin/landespolitik/position-homosexualitaet-die-juengsten-uebergriffe-machen-uns-angst/1365758.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014; REICHERT, Martin. *Gewalt gegen Schwule: Jetzt reicht's langsam! (Violência contra gays: já passou da conta!)*. *Tageszeitung* 18 jun. 2010. Disponível em: <[Http://www.taz.de/l54213/](http://www.taz.de/l54213/)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>48</sup> Ver EL-TAYEB, Fatima. *Begrenzte Horizonte: Queer Identity in der Festung Europa (Horizontes limitados: identidade queer na fortaleza Europa)*. In: STEYERL, H.; GUTIERREZ RODRIGUEZ, E. (Ed.). *Spricht die Subalterne Deutsch?: Migration und Postkoloniale Kritik (O subalterno fala alemão?: migração e crítica pós-colonial)*. Münster: Unrast Verlag, 2003.

que alegava testar, em relação a uma série nova de “tradições inventadas”, as propensões democráticas e abertura a mulheres e *gays* em uma população claramente definida<sup>49</sup>.

Em 2006, o mencionado “*Estudo Simon*” (2006) de crianças de escolas de Berlim, encomendado pela maior organização *gay* e realizado por um psicólogo branco *gay* da Universidade de Kiel, provou “cientificamente” o que todos já sabiam: “os imigrantes” são mais homofóbicos que “os alemães” e os dois jamais pensarão da mesma forma<sup>50</sup>. Concebido no “ativismo plástico” de ONGs “homoassimilacionistas” – como eu denomino algo que afirma ser um movimento de massas, mas que na realidade não passa da obra de servidores pagos e de seu *designer* gráfico –, o pânico moral gerado por imigrantes homofóbicos não parou por aí. Encontrou seus primeiros corpos no cenário alternativo *queer* radical em 2008, quando um grupo de *drag kings*, pessoas *trans* e mulheres *queer* foi espancado durante o internacionalmente divulgado *Festival Drag*<sup>51</sup>. O debate ocasionado, o qual imediatamente

<sup>49</sup>Eu proponho que entendamos a amizade entre mulheres e *gays* como uma tradição inventada, no sentido proposto por Hobsbawm. [Ver HOBBSAWM, Eric. Introduction: inventing tradition. In: \_\_\_\_\_; RANGERS, T. (Ed.). *The invention of tradition*, p. 1-14 1983] O “teste muçulmano” falhou nessa forma específica, mas somente depois de uma produtiva carreira na mídia.

<sup>50</sup>Ver ZUBERI, Tufuku; BONILLA-SILVA, Eduardo (Ed.). *White logic, white methods: racism and methodology*. Lanham: Plymouth; Rowman; Littlefieldshers, 2008. Por “científico”, neste caso, descrevo como um discurso não acadêmico ganha valor ao ser convertido em conhecimento acadêmico. Como detalhado por Zuberi, Bonilla-Silva e seus colaboradores, racismo, eugenia e métodos científicos compartilham a mesma genealogia.

<sup>51</sup>Em outra parte, descrevi detalhadamente como o incidente do *Festival Drag* foi convertido em feitos dos diversos “homófobos turcos” e “turcos fascistas”. Ver BOZIC, Ivo. Das große Schweigen: Homophobe türkische Jugendliche und die Angst vor Rassismuskorwürfen (*Um grande silêncio: jovens turcos homófobos e o medo de serem acusados de racistas*). *Jungle World*, 26 jun. 2008. Disponível em: <[jungle-world.com/artikel/2008/26/22074.html](http://jungle-world.com/artikel/2008/26/22074.html)>. Acesso em: 10 ago. 2014; ORGANIZAÇÃO INDYMEDIA. *Homophober Angriff in Kreuzberg (Ataque homofóbico em Kreuzberg)*, 8 jun. 2008. Disponível em:

(e falsamente, como muitos afirmam) atribuiu o incidente aos “turcos homofóbicos”, fez com que as línguas germânicas proferissem pela primeira vez a palavra *Hasskriminalität* – crime de ódio.

Diferentemente do início da década de 1990, o que tornou o termo “crime de ódio” assimilável no final da década de 2000 não foi um súbito surto de homofobia nem mesmo de transfobia que minorou os casos de incêndio criminoso contra as casas de requerentes de asilo e lojas de donos imigrantes na recém-República Federal “unificada”. Pelo contrário, os poucos “casos” (que desapareceram em grande parte do debate público, uma vez consolidado o novo discurso) foram bastante contestados<sup>52</sup>. A meu ver, o homófobo criminalmente odioso passou a ser entendido por sua forte semelhança com outras figuras criminosas. Se o amante *queer* passou a ser reconhecido por sua familiaridade com os ideais neoliberais trans/nacionais de respeitabilidade e privacidade, o Outro odioso entrou no cenário alemão unindo-se a um rico acervo populado por famílias disfuncionais de comunidades deficientes do “gueto” degenerado<sup>53</sup>. É para essa questão que nos voltamos agora.

---

<<http://de.indymedia.org/2008/06/219458.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2014; LUIG, Judith. Ein Tag als Drag King die tageszeitung (Um dia como drag king). *Taz.die Tageszeitung*, 11 jun. 2008. Disponível em: <[www.taz.de/118557/](http://www.taz.de/118557/)>. Acesso em: 10 ago. 2014; ver HARITAWORN, Jin. Colorful bodies in the multikulti metropolis: *trans* vitality, victimology and the Berlin hate crime debate. In: COTTON, Trystan (Ed.). *Trans-migrations: bodies, borders, and the (geo)politics of gender trans-ing*. Nova Iorque: Routledge, 2011. p. 11-31.

<sup>52</sup>Ver YILMAZ-GUNAY, Koray (Ed.). *Karriere eines konstruierten Gegensatzes: zehn “Jahre Muslime versus Schwule” (A trajetória de uma oposição construída: dez anos de “muçulmanos contra gays”*. Berlin: Erstaussgabe, 2011.

<sup>53</sup>Ver STEHLE, Maria. Narrating the ghetto, narrating Europe: from Berlin, Kreuzberg to the *Banlieues* of Paris. *Westminster Papers in Communication and Culture*, Londres, v. 3, n. 3, p. 48-70, 2006. Disponível em: <[https://www.westminster.ac.uk/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0009/20124/004WPCC-Vol3-No3-Maria\\_Stehle.pdf](https://www.westminster.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0009/20124/004WPCC-Vol3-No3-Maria_Stehle.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014; PETZEN, 2008, nota 43.

#### 4 O HOMÓFOBO ODIOSO E O INFRATOR INTENSIVO: A MISTERIOSA SEMELHANÇA ENTRE JUSTIÇA SEXUAL E JUSTIÇA CRIMINAL

Às vezes mostro aos meus alunos dois vídeos do Youtube, um após o outro, durante a mesma projeção<sup>54</sup>. Um deles é de 2007, com uma reportagem de TV baseada em filmagens de câmeras de vigilância de circuito fechado. É sobre o “caso Serkan A. e Spyridon L.”, que, fiel à sua natureza de “caso”, serviu para familiarizar os telespectadores alemães com uma nova figura de pânico moral: o *Intensivtäter* (infrator intensivo ou recorrente), uma categoria até agora administrativa cuja aplicação punitiva e impacto criminalizador sobre os jovens de cor têm sido comparados à lei penal americana que advoga que um criminoso que obteve mais de duas condenações criminais é irrecuperável e deve ser afastado definitivamente do convívio social na terceira condenação<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> YOUTUBE. *Brutale Munchner U-Bahn Schlager gefasst (Pessoas preconceituosas e hostis no metrô de Munique recebem voz de prisão)*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zh5PW61S9Cw&playnext=1&list=PL3F633C86147B7C4E>>. Acesso em: 10 ago. 2014; YOUTUBE. *Überwachungskamera Security Camera Social Spot Berlinale* Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yvxR-OAGB-I>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>55</sup> Até o presente, o termo *Intensivtäter* descreve, principalmente, uma categoria administrativa aplicada a jovens que cometem determinado número de crimes (em Berlim, dez crimes por ano), ou uma pessoa que está no processo de se tornar um *Intensivtäter*. O objetivo principal, além de assinalar um jovem para que receba sentenças mais duras e com maior rapidez nos tribunais, parece ser o de monitoramento. Desse modo, a cada *Intensivtäter* é designado um policial pessoal que fica responsável por vigiar a pessoa e sua circunvizinhança (amigos, família e vizinhos). Além do Código Penal para jovens e adolescentes, as pessoas rotuladas como *Intensivtäters* estão sob uma grande quantidade de instrumentos pedagógicos, trabalho social/jovens e adolescentes e psiquiátricos, inclusive psiquiatria forense e voltada para jovens, casas de correção e prisões para jovens infratores, treinamento antiviolência e o *Sicherungsverwahrung* (recolhimento em custódia), uma combinação de confinamento penal/psiquiátrico que tem sido repetidamente acusada de violação dos direitos humanos pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos.

Como Lauren Berlant observa, “o caso” é pedagógico e exemplar, uma vez que oferece “um relato do evento e do mundo” e é a principal ação comunicadora por meio da qual o biopoder, em nome da perícia, reparte os indivíduos em populações<sup>56</sup>. O caso também é crucial para o pânico moral gerado pelo crime que, na opinião de Julia Oparah, precisa de corpos infratores principalmente para poder demonstrar a necessidade de medidas energéticas, independentemente do número real de crimes<sup>57</sup>. Esse também é o caso de Serkan A. e Spyridon L., que espancaram um homem idoso branco no metrô de Munique às vésperas do Natal.

A mídia descreve a vítima como um frágil pensionista que diz ao juiz: “Fui professor a vida inteira e agora...”<sup>58</sup> A ação é reprisada na TV durante vários meses, com uma intensidade e brutalidade que possui força performativa própria<sup>59</sup>. É um procedimento fundamental para fabricar consentimento em relação a sentenças mais rápidas e mais duras para os jovens e levar a debates em que se discute se “crianças criminosas” que “esgotam nossa paciência”<sup>60</sup> (nas palavras da juíza Kirsten Heisig, que se transformou em estrela na mídia em razão desse pânico moral) devem ou não ser trancadas em casa ou colocadas em campos educacionais fechados. Esse é o segundo caso mais famoso de Intensivtäter depois do “caso Mehmet”,

<sup>56</sup>BERLANT, Lauren. On the case. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 33, n 4, p. 663-72, 2007. Disponível em: <[http://criticalinquiry.uchicago.edu/past\\_issues/issue/special\\_issue\\_2007\\_v34\\_n4/](http://criticalinquiry.uchicago.edu/past_issues/issue/special_issue_2007_v34_n4/)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>57</sup>SUDBURY, Julia (agora Julia Oparah). Celling black bodies: black women in the global prison industrial complex. *Feminist Review*, Nova Iorque, n. 80, p. 162-179, 2005.

<sup>58</sup>Para uma tradução, ver AMSPERGER, Von. Die schlagen mich tot. *Stern*. Hamburgo, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://wap.stern.de/op/stern/de/ct/-X/detail/kultur/U-Bahn-Schl%E4ger-Prozess-Die/624986/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>59</sup>Ver AHMED, 2004, nota 14, sobre a performatividade visual do 11 de setembro.

<sup>60</sup>HEISIG, Kirsten. Das ende der geduld: konsequent gegen jugendliche gewalttater (*O fim da paciência: endurecer contra os jovens infratores violentos*). 2010. Disponível em: <[www.herder.de › Home › Bücher](http://www.herder.de/Home/Buecher)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

que, em novembro de 2001, resultou em consentimento para que fossem deportadas crianças nascidas e criadas na Alemanha que até então tinham sua cidadania assegurada. Ambos são, na opinião de Ruthie Gilmore, casos espetaculares<sup>61</sup>: sua dramática midiaticização cria consentimento para a criação de novos instrumentos de criminalização, mesmo com as estatísticas mostrando que o índice de criminalidade está caindo<sup>62</sup>. Entretanto, embora haja menos jovens cometendo infrações, sua energia criminoso é tão intensa que “nós” temos que agir rapidamente – tanto o ódio como a intensidade geram uma urgência afetiva que justifica a intervenção rápida e implacável.

O outro vídeo chama-se CCTV (Überwachungskamera, circuito fechado de televisão). Ele também mostra um ataque terrível realizado por jovens caracterizados como pobres e racializados, desta vez contra dois homens brancos que estavam se beijando em um estacionamento noturno.

Diferentemente do primeiro, CCTV não é um documentário, mas sim um filme promocional para uma ONG *gay* local de antiviolência chamada Maneo (criadora de alguns dos pôsteres e das manifestações com beijo em público discutidas acima). Foi exibido no Berlimale, na televisão aberta e no programa promocional divulgado nos cinemas de Berlim. Precede, em um ano, o episódio “Serkan A. e Spyridon L.”; contudo, a trama, as imagens e as tecnologias têm uma misteriosa semelhança

---

<sup>61</sup> WILSON, Ruth Gilmore. Globalisation and US Prison Growth: from military keynesianism to post-keynesian militarism. *Race & Class*, Londres, v. 40, n. 2-3, p. 171-88, 1999.

<sup>62</sup> Os especialistas em infratores intensivos admitem esse fato. [Ver OHDER, Claudius; HUCK, Lorenz. *Intensivtäter in Berlin: Hintergründe und Folgen vielfacher strafrechtlicher Auffälligkeit. Teil 1 Eine Auswertung von Akten der Abteilung 47, der Berliner Staatsanwaltschaft (Antecedentes e consequências de infrações reincidentes: Parte 1 de uma Análise dos arquivos da Divisão 47 da promotoria de Berlim)*. Berlim, 2006]

com aquele “caso”. O Outro odioso já existe antes mesmo de a personagem encontrar os corpos e se materializar na própria ação que já se havia (pre)visto que perpetraria.

Nos vídeos, o imigrante homofóbico e o infrator intensivo são idênticos. São reconhecidos pela mesma mídia forense e os mesmos roteiros afetivos. O frágil pensionista e os homossexuais espancados se fundem em uma mesma vítima branca sentimentalizada. Sua intercambialidade é confirmada por um crescente exército de peritos que se repetem fielmente uns aos outros.

Por exemplo, o relatório *Violence Phenomena among Male, Muslim Youth with Migration Background* (Os fenômenos da violência entre rapazes muçulmanos provenientes de famílias migrantes) cita o estudo Simon, o qual, por sua vez, foi encomendado pela maior organização *gay* da Alemanha, a LSVD (associação alemã de lésbicas e *gays*), que também fez os pôsteres de beijo supramencionados<sup>63</sup>. Quando a juíza Heisig, de longe a mais notória especialista em *Intensivtäter*, morreu (primeiro foi divulgado que por suicídio, depois por clãs árabes), tanto a LSVD como a Maneo fizeram um obituário a “uma inestimável parceira e defensora”<sup>64</sup>.

No estudo Simon, nos comunicados de imprensa da LSVD, nos artigos e números especiais sobre o *Festival Drag* e nos muitos relatórios sobre jovens muçulmanos violentos, o perfil é quase idêntico. Repetindo o estilo e a forma estereotipada como o perfil do infrator

<sup>63</sup>TOPRAK, Ahmet; NOWACKI, Katja. Gewaltphänomene bei männlichen, muslimischen Jugendlichen mit Migrationshintergrund und Präventionsstrategien (*Fenômenos da violência entre jovens muçulmanos do sexo masculino com antecedentes de migração e estratégias de prevenção*). Dortmund, 2010. Disponível em: <<http://www.bmfsfj.de/RedaktionBMFSFJ/Abteilung2/Pdf-Anlagen/gewaltphaenomene-maennliche-muslimischen-jugendliche.property=pdf,bereich=bmfsfj,sprache=de,rwb=true.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>64</sup>HARITAWORN, 2010-2011, p. 69-89.



odioso/intensivo é traçado: ele (*sic*) mal é uma pessoa integrada e é religioso, mas só quando pode ser entendido como muçulmano. O relatório sobre violência mais influente de todos, o estudo Pfeiffer, cujas constatações foram divulgadas em manchetes como “Jovem, Muçulmano, Brutal”<sup>65</sup>, não poupa esforços para destacar, de forma tipicamente pós-cristã/secular e seguindo uma lógica “dividir para conquistar”, os efeitos positivos de uma socialização cristã (inclusive para cristãos que não sejam alemães brancos) para diminuir, e não aumentar, o comportamento delinquente<sup>66</sup>.

Além do mais, e de forma sinônima, o infrator odioso/intensivo não é alemão. Para Pfeiffer e colegas, as crianças em idade escolar que “não têm nacionalidade alemã ou não nasceram na Alemanha, ou a cujos pais biológicos o mesmo se aplica” não podem ser chamadas de alemãs<sup>67</sup>. Quando, porém, assinalam o “não” em resposta à pergunta se elas se consideram alemãs, essas pessoas são classificadas como mal integradas. Consequentemente, esses estudos são performativos. Eles lembram tanto aos participantes quanto aos leitores que ser alemão significa ser branco<sup>68</sup>. Em um contexto de cidadania que apenas recentemente abriu mão do *jus sanguinis* e está pela primeira vez flexibilizando as fronteiras biológicas de sua lei da nacionalidade, esse aspecto é crucial. A figura do migrante criminoso (e criminalmente homofóbico) é uma técnica vital por meio da qual a fronteira é vigorosamente redefinida.

<sup>65</sup>KRIMINOLOGISCHE studie: Jung, muslimisch, brutal. *Spiegel Online*, 5 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/panorama/justiz/0,1518,698948,00.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>66</sup>BAIER, Dirk *et al.* *Kinder und jugendliche in Deutschland: gewalterfahrungen, integration, medienkonsum (Crianças e jovens na Alemanha: experiências de violência, integração, consumo de mídia)*. Hannover: Lützerodestraße, 2010.

<sup>67</sup>BACKGROUND..., 2013, nota 13.

<sup>68</sup>AHMED, 2004, nota 14.

A fronteira corre não somente nas veias, mas também no espaço.

O infrator odioso/intensivo é descrito como alguém que veio de uma “família patriarcal e rural”<sup>69</sup>. Ele não é daqui, não importa quantas gerações o tenham precedido neste país<sup>70</sup>. Ele é descrito como alguém que investe na “honra” e, conseqüentemente, é colocado em posição de afinidade com os “assassinos defensores da honra”. Ele vem de “bairros problemáticos” ou de “locais de autossegregação” onde os “imigrantes formam grandes blocos da população”<sup>71</sup>. Essas são as mesmas áreas que agora os urbanistas elogiam por sua “boa miscigenação social”<sup>72</sup>.

Para o sujeito racializado e sem mobilidade, viver ali significa algo diferente do que para o sujeito branco que tem mobilidade, cuja chegada e deslocamento de corpos e intimidades perigosos são sintomas de recuperação e “regeneração” da área.

Temos de começar a lidar com a gentrificação *queer* na Europa e também com seu trânsito transnacional: como é que

<sup>69</sup>LSVD. Schluss mit Diskriminierung und Gewalt: Migranten müssen Verhältnis zu Homophobie klären (Um basta para a discriminação e violência: os migrantes precisam definir sua relação com a homofobia). LsVD Press Release, 18 jul. 2003.

<sup>70</sup>EL-TAYEB, 2003, nota 48. A crítica de Fatima El-Tayeb sobre a figura do eterno migrante serve ao propósito de manter o país branco.

<sup>71</sup>HAUG, Sonja. Jugendliche Migranten – Muslimische Jugendliche: Gewalttätigkeit und Geschlechterspezifische Einstellungsmuster (Jovens migrantes – jovens muçulmanos: violência e padrões atitudinais específicos a gênero). 2010. Disponível em: <[www.bmfsfj.de/.../gewalttaetigkeit-maennliche-musliche-jugendliche.pdf](http://www.bmfsfj.de/.../gewalttaetigkeit-maennliche-musliche-jugendliche.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014; OHDER; HUCK, 2006, nota 62.

<sup>72</sup>TOPOS Sozialstruktur. *Und Mietentwicklung Im Erhaltungsgebiet Luisenstadt (SO 36) (Estrutura social e desenvolvimento de locação na área protegida de Luisenstadt)*. Berlin: Bezirksamt Friedrichshain-Kreuzberg, 2008. Disponível em: <[http://www.berlin.de/imperia/md/content/bafriedrichshain-kreuzberg/abststadtpg/amtstapl-verm\\_baa/stapl/stadterneuerung/luise\\_endbericht.pdf](http://www.berlin.de/imperia/md/content/bafriedrichshain-kreuzberg/abststadtpg/amtstapl-verm_baa/stapl/stadterneuerung/luise_endbericht.pdf?start&ts=1264082523&file=luise_endbericht.pdf)>. Para uma crítica, ver LEES, Loretta. Gentrification and Social Mixing: towards an Inclusive Urban Renaissance? *Urban Studies*, Glasgow, v. 45, n. 12, p. 2.449-2.470, 2008.

*queers* com privilégios de raça e classe recém-chegados aos bairros centrais de Londres e Berlim são, de uma forma colonialista, recebidos como “pioneiros”? Como é que *queers* de toda a Europa, Austrália e América do Norte se tornam “residentes”, enquanto outros confinados nessas áreas há várias gerações agora perdem todos os direitos a elas?

O infrator odioso/intensivo é também caracterizado por suas conexões patológicas. Tem poucos amigos “alemães” (ou, em Simon, “homossexuais”), toda a sua “gangue” é delinquente, o que também é relacionado ao fato de que o idioma em que se comunica é turco ou árabe<sup>73</sup>. O bilinguismo, aclamado por um breve período de tempo como competência intercultural, agora voltou ao seu antigo *status* de deficiente. Significa retrocesso: é sinal de “má orientação” (nas palavras de Sara Ahmed) a maus objetos, corpos, comunidades e lugares<sup>74</sup>.

Outra característica do infrator odioso/intensivo é sua aderência a “normas de masculinidade que legitimam a violência” (*Gewaltlegitimierender Männlichkeitsnormen*, sigla GLMN), o que nos estudos qualitativos é genericamente descrito com o sentido de cadeia de despotismo oriental: pai violento, mãe submissa, ausência de habilidades de comunicação, ausência de controle de impulsos<sup>75</sup>.

<sup>73</sup>HAUG, 2010, nota 71; BAIER *et al.*, 2010, nota 66. O termo “gang” (aportuguesado “gangue”) é usado no inglês e invoca imaginários norteamericanos antinegros do “gueto”. Determinado de formas altamente arbitrárias, esse é outro instrumento globalizante que permite aos legisladores e aplicadores da lei criminalizar jovens de cor com base em sua proximidade com outros jovens de cor de baixa renda. (BETRAYING the model city: how gang injunctions fail Oakland. Oakland: Critical Resistance Oakland, 2011. Disponível em: <[https://stoptheinjunction.files.wordpress.com/.../cr\\_ganginjunctionsreport-1.pdf](https://stoptheinjunction.files.wordpress.com/.../cr_ganginjunctionsreport-1.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>74</sup>AHMED, Sara. *Queer phenomenology: orientations, objects, others*. Durham: Duke University Press, 2006.

<sup>75</sup>BAIER *et al.*, 2010, nota 66; TOPRAK; NOWACKI, 2010, nota 63.

Como é que esse novo rótulo vil, enigmaticamente abreviado como GLMN, serve para reformular debates mais amplos sobre a correlação entre masculinidade e violência? Podemos comparar esse relato com os relatos feministas de família como o local onde a violência é normalizada e a diferença de gênero, imposta e reproduzida.

Embora os criminologistas há muito presumam que existe uma tendência maior para a violência nos “meninos” (isto é, em crianças a quem a masculinidade é atribuída), eles raramente fazem uma crítica à socialização masculina. Pelo contrário, fórmulas como as do GLMN trabalham para isolar a violência em meninos “cronicamente delinquentes” que podem ser identificados e segregados dos meninos “normais”<sup>76</sup>. Essa distinção, porém, não é estável nem segura, como demonstra a contínua tentativa de encontrar critérios objetivos para diferenciar os meninos cuja violência exige uma atitude daqueles que estão apenas fazendo de conta e para quem a violência é um passo “normal” em sua jornada “normal” até a masculinidade<sup>77</sup>.

O GLMN também oferece novas soluções para o velho problema eugênico de como identificar as famílias que transmitem a violência. É especialmente uma variação do velho tema classista da “criança ruim vinda de uma família ruim”<sup>78</sup>. Todavia, embora, no tropo generalizado, as crianças delinquentes resultem de uma simetria de gênero excessiva (mãe trabalhadora e pai fraco ou

---

<sup>76</sup>ROTH, Marcus; SEIFFGE-KRENKE, Inge. Frühe Delinquenz und familiäre Belastungen in der Kindheit (Delinquência precoce e tensão familiar na infância). In: BOEGER, Annette (Ed.). *Jugendliche Intensivtäter: Interdisziplinäre Perspektiven (Jovens infratores reincidentes: perspectivas interdisciplinares)*. Wiesbaden: VS Verlag, 2011. p. 255-276.

<sup>77</sup>Agradeço à Nina Mackert pelas conversas que tivemos sobre este assunto.

<sup>78</sup>ROSE, 1989, nota 14.

ausente em famílias brancas ou negras da classe trabalhadora), na sua variante orientalizada o infrator intensivo resulta de uma diferença de gênero excessiva (mãe fraca, pai autoritário)<sup>79</sup>. Como as feministas negras e os críticos *queer* de cor têm alegado relativamente à tese das “culturas da pobreza”, que culpa as famílias negras e latinas de gerarem filhos disfuncionais, as famílias racializadas são tratadas como desconformes em termos de gênero e sexo, apesar de sua aparente heterossexualidade<sup>80</sup>. Como os teóricos antirracistas da deficiência demonstram, essa maneira de ver as comunidades racializadas como deficientes e reprodutoras da problematicidade também naturaliza o deficiencialismo<sup>81</sup>. Assim, a conceitualização da violência como GLMN serve para repetir a reprodução branca, heteronormativa e não deficiente da classe média como norma incontestada e para normalizar a violência banal e cotidiana por meio da qual são mantidas as categorias raça, idade, gênero, deficiência e classe.

O racismo também é normalizado e orientalizado de outras maneiras. Enquanto tanto o homófobo odioso como o *Intensiväter* são frequentemente discutidos em termos de masculinidades desfavorecidas, falhas e de fraco desempenho, o *Intensivtäter*, como figura mais velha e mais pesquisada, reflete essa opinião em maiores detalhes. Falta-lhe (*sic*) “integração estrutural”, também medida como “aspirações educacionais”. O alto índice de crianças racializadas como muçulmanas que deixam a escola sem qualificações não é responsabilidade de um dos sistemas educacionais com maior diferenciação de classes do mundo,

<sup>79</sup>TOPRAK; NOWACKI, 2010, nota 63.

<sup>80</sup>Ver COHEN, Cathy. *Punks, bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics?*, *GLQ: a journal of lesbian and gay studies*, v. 3, n. 4, p. 437-465, 1997.

<sup>81</sup>Ver GORMAN, 2013, nota 14.

mas sim de pais deficientes e incultos que não “integraram” seus filhos<sup>82</sup>.

Essas falhas são mensuradas com mais imaginação ainda. Além da patologização testada e comprovada do bilinguismo, os especialistas lamentam que os pais racializados condenem seus filhos a um horizonte limitado, a habilidades verbais e emocionais limitadas e a capital social limitado, visto que não jogam com eles jogos de salão requintados ou não os enviam a Schützenvereine e Trachtenvereine (clubes de tiro e trajes tradicionais)<sup>83</sup>.

A integração, no caso, transforma-se na *performance* nostálgica de uma germanidade pedante e burguesa que existe apenas na fantasia do *Heimatfilm*<sup>84</sup>. Se por um lado esse cenário limitado parece um lugar estranho para a reprodução de afetividades globalizadas de cidadania neoliberal (imagine aprender a resolver conflitos em um clube de tiro!), por outro isso em parte é possibilitado pelo desempenho espetacular do *Intensivtäter* como estranho afetivo incapaz de falar sobre seus sentimentos e de se expressar sem ser pela violência. Ele é o exterior constitutivo de um cidadão neoliberal cuja autonomia, autorresponsabilidade e inteligência emocional são evidenciadas em sua capacidade de trabalhar constantemente em si mesmo. Essa narrativa trata da integração do nacional no transnacional,

---

<sup>82</sup>Para uma resposta tipicamente indecifrável para explicar os resultados sofríveis da Alemanha em comparativos internacionais de desempenho escolar, como o estudo do PISA, ver HIMMELRATH, Armin. GOETHE INSTITUT. *10 years of PISA testing: taking stock*. Disponível em: <<http://www.goethe.de/wis/fut/sul/en8729860.htm>>. Acesso em: 10 set. 2013.

<sup>83</sup>TOPRAK; NOWACKI, 2010, nota 63; BAIER *et al.*, 2010, nota 66.

<sup>84</sup>Esse gênero tornou-se popular depois da Segunda Guerra Mundial e descreve de forma típica um mundo sentimental ambientado nas montanhas, onde o rapaz branco, seguindo os ditames do gênero, namora uma moça. Trata-se de uma invocação nostálgica de uma Alemanha inocente, ainda não maculada por Outros raciais ou sexuais.

pelo menos tanto quanto trata da integração do migrante na nação. O migrante desintegrado, dispensável tanto ao nacional como ao global, transforma-se no receptáculo para o qual essas ansiedades (trans)nacionais são deslocadas, permitindo que a nação se globalize sem perder a sua identidade<sup>85</sup>.

Além de seus vínculos negativos a maus lugares e intimidades, o infrator odioso/intensivo sofre com as “percepções de discriminação”<sup>86</sup>. Esse “traço” evidencia os mecanismos do biopoder e do necropoder na invenção dessa população. A violência sempre existe naqueles assim rotulados, bem como em qualquer um que possa ser apanhado nesse perfil extensivo. Não pode acontecer com você; mencionar ou mesmo entendê-la em sua versão mais atenuada (como “discriminação” em vez de racismo) aumenta o risco de o indivíduo ser criminalizado, bem como patologizado como paranoico. Podemos contextualizar isso de forma mais generalizada com o *status* punível do discurso antirracista.

Na Alemanha, o uso do termo “Racismo é limitado sobretudo à era de 1933 a 1945”<sup>87</sup>. A *Ausländerfeindlichkeit* (hostilidade a estrangeiros) tem sido um eufemismo comum que, contudo, psicologiza e despoltiza o racismo como uma reação de certa forma natural aos corpos “estrangeiros”, que, por definição, são externos e antiéticos à germanidade.

<sup>85</sup>Ver ROSE, 1989, nota 14; SKEGGS, 2019, nota 29; ver, também, TOPRAK; NOWACKI, 2010, nota.

<sup>86</sup>HAUG, 2010, nota 71, p. 19.

<sup>87</sup>BARSKANMAZ, Cengiz. *Rasse: Unwort des Antidiskriminierungsrechts? (Raça: termo tabu na lei de antidiscriminação?)*. *Kritische Justiz*, Bremen, v. 3, p. 382-389, 2011; MELTER, Claus; MECHERIL, Paul. *Rassismustheorie und-forschung in Deutschland: Kontur eines wissenschaftlichen Feldes (Teoria e pesquisa sobre racismo na Alemanha: contorno de um campo científico)*. In: MELTER, Claus; MECHERIL, Paul (Ed.). *Rassismuskritik*. Schwalbach/Ts.: Wochenschauverlag, 2009. v. 1, p. 13-22.

Mesmo essa estrutura limitada é invertida na figura do Intensivtäter e nos debates mais amplos sobre migração e integração que ela tem mediado. Nesses debates, o verdadeiro problema do qual, pelo visto, somos distraídos pela obsessão “politicamente correta” com a hostilidade contra estrangeiros revela-se como “hostilidade contra os alemães” (*Deutschenfeindlichkeit*)<sup>88</sup>. Vivido no pátio de escolas de Kreuzberg e Neukölln, esse drama permite que a palavra-tabu “racismo” acabe por entrar no idioma germânico, mas somente para transformar as vítimas em perpetradores e o discurso antiopressão em uma linguagem completamente inexprimível e punível. Temos de entender esse drama em sua lógica institucional, cuja orientação assassina Angela Davis resume acertadamente nas palavras “fluxo escola-presídio”<sup>89</sup>. Também na Alemanha, as escolas preparam muitas crianças para a morte social em vez de aumentarem suas oportunidades na vida e, assim, participam no que Liat Ben-Moshe denomina transinstitucionalização da população excedente entre instituições de assistência, punição e reforma<sup>90</sup>. Essa questão, mais uma vez, entrelaça-se com a

<sup>88</sup>SHOUMAN, Yasemin. *Der Topos “Deutschenfeindlichkeit” in Rechtspopulistischen Diskursen* (O tropo da “Deutschenfeindlichkeit” nos discursos populistas de direita). *Rechtspopulismus in Berlin*, Berlin, p. 45-47, 2011. Disponível em: <rechtspopulismusstoppen.blogspot.detspop/.../broschuere\_rechtspopberlin\_web.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014; BAIER *et al.*, 2010, nota 64; Pfeiffer e colegas também citam a *Deutschenfeindlichkeit* como traço comum entre seus sujeitos. O tema do racismo reverso é um fenômeno globalizante, como também ilustra a acusação contra o ativista antirracista, Houria Bouteldja, por “racismo antibranco” na França. (Ver LENTIN, Alana; TITLEY, Gavan. Diane abbot’s tweet and the red herring of anti-white racism. *The Guardian*, Reino Unido, 6 jan. 2012. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2012/jan/06/diane-abbott-tweet-anti-white-racism>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>89</sup>DAVIS, Angela. *Are prisons obsolete?* Nova Iorque: Seven Stories Press 2003. Disponível em: <www.feministes-radicales.org/.../Angela-Davis-Are\_Prisons\_Obsolete.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>90</sup>BEN-MOSHE, 2011, nota 20.



patologização do aspecto político como *Deutschenfeindlichkeit* ou homofobia, termo que os acadêmicos *queer* têm frequentemente contestado, mas continuam proferindo<sup>91</sup>.

No estudo Simon sobre crianças “migrantes” *versus* “alemãs” em idade escolar, a homofobia acaba por transformar-se em fobia – “uma tendência psicológica de reagir aos homossexuais com uma avaliação negativa” que inclui “afetos ou sentimentos negativos, cognição negativa e tendências comportamentais negativas”<sup>92</sup>. A conversão de opressão sexual em problema psicológico de jovens disfuncionais invisibiliza radicalmente os aspectos institucionais e rotineiros que, de muitas maneiras, fazem do mundo um lugar onde as pessoas desconformes em termos de gênero e sexo têm dificuldade para sobreviver. Em vez disso, transforma-o em uma propriedade de corpos deficientes sem acesso às oportunidades da vida, dados seus “traços” mentais e físicos.

A metonímia entre a vítima “alemã” e a “homossexual” é altamente produtiva em termos de expansão sexual e contração racial de uma identidade alemã que não mais precisa sentir-se culpada pelo Holocausto, mas que se torna sua vítima. Porque os *gays* também foram perseguidos e o ódio aos homossexuais tem a mesma conotação que o ódio aos alemães: “cachorro alemão”, “cachorra alemã”, “bicha alemã”, “come-cadela”<sup>93</sup>.

<sup>91</sup>Ver BRYANT, Karl; VIDAL-ORTIZ, Salvador. Introduction to retheorizing homophobias. *Sexualities*, v. 11, n. 4, p. 387-396, 2008.

<sup>92</sup>“Unter einer homosexuellenfeindlichen Einstellung ist die psychologische Tendenz, auf Homosexuelle mit einer negativen Bewertung zu reagieren, gemeint. Diese Bewertung beinhaltet negative Affekte oder Gefühle, negative Kognition und negative Verhaltenstendenz.” (SIMON, Bernd. Einstellung zur Homosexualität (Atitudes em relação ao homossexualismo). *Zeitschrift Fur Entwicklungspsychologie Und Pädagogische Psychologie*, v. 88, 2007. Disponível em: <<http://arbeitsblaetter.stangl-taller.at/news/104/einstellung-zur-homosexualitaet>>. Acesso em: 10 ago. 2014)

<sup>93</sup>HEYL, M. *et al.* U-Bahn-Schlager Spricht Im Knast: Mein Vater hat mich geprügelt! *Bild*, 3 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.bild.de/news/>

Os fantasmas de um passado que, como os teóricos alemães negros e particularmente os ativistas da loucura defendem, começou muito antes do socialismo nacional e vem até o presente, assombra o discurso do crime de ódio e da violência em sentido mais amplo<sup>94</sup>. Os primeiros os conjuram em alto e bom som. Falta-me espaço para discutir a coincidência entre crimes de ódio e os ativismos de memória na mesma configuração organizacional e temporal. Contudo, algumas breves reflexões sobre o ativismo em torno do “Memorial aos Homossexuais Perseguidos durante o Socialismo Nacional”, erigido em 2008, ilustram meu ponto de vista. Em muitas celebrações LGBT, a vítima homossexual do Socialismo Nacional é colocada em uma posição de concorrência com a judia, uma metonímia (anti-interseccional) que serve para inscrever o sujeito homossexual no mito fundacional de uma República Federal democrática, livre e pós-racista.

Isso acontece por mimetismo: o “Homo-Memorial”, como muitas vezes é afetuosamente chamado, imita perfeitamente o Memorial aos Judeus Assassinados na Europa, o qual é mais antigo, tendo sido finalizado em 2004. É feito do mesmo material,

---

vermishtes/vater/schlaeger-3399928. bto.html>. Acesso em: 10 ago. 2014; SCHUTZ, Jan. Kriminelle Ausländer: Diese mutige Richterin redet Klartext. *Bild*, 23 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.bild.de/news/vermishtes/richterin/redet-klartext- ueber-kriminelle-auslaender-5879218.bild.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014; WEBER, Anja. Homophobie-Expertin der Berliner Polizei: Gewaltfangt nicht an, wennesblutet. *Taz*, 2009. Disponível em: <<http://www.taz.de/1/leben/koepfe/artikel/1/gewalt-faengt-nicht-an-wenn-es-blutet>>. Acesso em: 10 ago. 2014. Podemos entender essas revisões juntamente com a orientalização de um antissemitismo que, na Alemanha, tornou-se propriedade de “muçulmanos”. (BARSKANMAZ. Comunicado pessoal, 2009)

<sup>94</sup>Ver EL-TAYEB, Fatima. *Schwarze Deutsche: Der Diskurs um “Rasse” und Nationale Identität (Alemães negros: o discurso de “Raça” e identidade nacional)*. Frankfurt; Main: Campus, 2001; HALMI, 2008, nota 24; sobre fantasmagoria, ver GORDON, Avery. *Ghostly matter: haunting and the sociological imagination*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

da mesma cor e tem o mesmo formato. Contudo, como Haakenson ressalta, em vez de 2.711 blocos cinza, “nós” temos que nos contentar com um só, e torto (não dentro dos conformes)<sup>95</sup>. O “Homo-Memorial” abriga vários dos beijos e paradas do beijo que já vimos: um deles é continuamente projetado no seu interior, em um filme de beijos entre *gay* incorporado na escultura. Outros são praticados no lado externo, em cerimônias e beijos coletivos em memória aos mortos, e os colocam em harmonia com os amantes maltratados de hoje<sup>96</sup>.

As “vítimas de hoje” (de imigrantes homofóbicos) juntam-se uniformemente à teologia do “Nunca mais”! Perde-se a ironia de que a memória de um passado de encarceramento e deportação deve nos guiar a um futuro com mais do mesmo, para que o Holocausto não se repita.

Em comparação com o debate sobre o crime de ódio que reivindica em alto e bom som o seu legado histórico, os fantasmas ruidosos do debate geral sobre violência permanecem, imperdoavelmente, silenciosos. O infrator intensivo surge como

<sup>95</sup>HAAKENSON, Thomas. *Queers in space: the queer art of Michael Elmgreen and Ingar Dragset*. In: QUEER FUTURITIES SYMPOSIUM. *Anais...*, Berlim: Instituto Finlândia, 2009.

<sup>96</sup>LSVD. *Feier zum Tag des Gedenkens an die Opfer des Nationalsozialismus (Cerimônia no dia de lembrar as vítimas do nacional-socialismo)*. Disponível em: <[http://www.berlin.lsvd.de/cms/index.php?option=com\\_content&task=view&id=450&Itemid=82](http://www.berlin.lsvd.de/cms/index.php?option=com_content&task=view&id=450&Itemid=82)>. Acesso em: 5 set. 2013. Nesse discurso comemorativo, as pessoas foram convidadas a se lembrar de uma relação de classe média, de longa duração, que teve um final de “amor e morte” durante o nacional-socialismo. Nesse mesmo discurso, citou-se a litania dos casos de crime de ódio racializados que eram noticiados na ocasião e fez-se um alerta de que não deixássemos o passado se repetir. Outro exemplo de como o discurso de crime de ódio tem sido evocado para adunar o “terror do presente” com o “terror do passado” (e os homens brancos *gays* como vítimas de ambos) é a maratona anual do beijo da organização Maneo contra a violência que nesse ano foi realizada em frente ao memorial, depois de movimentos em anos anteriores ter colocado em foco “bairros problemáticos”.

um novo fenômeno que exige novas metodologias. Às figuras espaciais e culturais entorpecidas da família patriarcal do gueto agrega-se uma infinidade de dados estatísticos que correlacionam “índice de integração”, “escala de religiosidade” e outros “fatores de influência” (tais como “violência familiar”, “família à beira da pobreza” e “vida em bairros desfavorecidos”) em incontáveis análises de regressão<sup>97</sup>. Os números assim produzidos devem ser entendidos em um contexto histórico que simultaneamente gerou o racismo, a eugenia e as estatísticas como “lógicas brancas e métodos brancos” relacionados. Como Zuberi e Bonilla-Silva mostram em seu livro com o mesmo nome, eles são indubitavelmente gerados pelos mesmos progenitores, cientistas como Francis Galto<sup>98</sup>.

A memória dessa história nos permite entender as narrativas de violência e suas numerologias em ecos racistas, classistas e eugênicos, bem como em suas jornadas transnacionais. É por isso que “debates” aparentemente díspares e limitados, como a tese (atualmente reavivada) da “Cultura da Pobreza” nos Estados Unidos e o pânico do crime e da integração no noroeste europeu, geram explicações facilmente transponíveis que, contudo, parecem intrinsecamente locais e autênticas<sup>99</sup>. Como podemos desviar o

---

<sup>97</sup>BAIER *et al.*, nota 66. Esses são os “fatores” citados no estudo Pfeiffer. Para outros relatos, tanto quantitativos como qualitativos, que abordam temas similares de integração, religiosidade, vivência em bairros problemáticos e herança de violência e pobreza, ver HAUG, 2010, nota 69; ver, também, TOPRAK; NOWACKI, 2010, nota 63.

<sup>98</sup>ZUBERI; BONILLA-SILVA, 2008, nota 50.

<sup>99</sup>A teoria das “culturas da pobreza” foi popularizada na década de 1960 e atribuía a pobreza entre povos negros e latinos às estruturas disfuncionais de suas comunidades e famílias. [Ver MOYNIHAN, Daniel Patrick. *The negro family: the case for national action (A família negra: o caso de ação nacional)*. Washington, DC: Office of Policy Planning and Research, US Department of Labor, 1965. Disponível em: <<http://www.dol.gov/dol/aboutdol/history/webid-meynihan.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2014. Para uma crítica, ver ROBERTS, Dorothy. *Killing the black body: race, reproduction and the meaning of liberty*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1997]

olhar e começar também nossa jornada com análises emprestadas que nos ajudem a entender esses altamente volúveis roteiros racistas de corpos, mentes e espaços?

Por exemplo, a análise de raça, espaço e colonialismo canadense realizada por Sherene Razack tem significância para os centros carentes da Europa. Na análise de Razack, o centro carente racializado e a reserva são apresentados como espaços degenerados que produzem corpos degenerados: os indígenas racializados que ali vivem já são sempre causa e origem da violência (tanto na figura do perpetrador racializado quanto na da mulher de cor não estuprável)<sup>100</sup>. Raça, classe, gênero e violência colonial desaparecem e tornam-se fenômenos inteiramente imperceptíveis e autoinfligidos que habitam, naturalmente, corpos racializados e seus entornos.

## 5 PERFIL DO *INTENSIVTÄTER*

A busca pelo *Intensivtäter* não para nas explicações construcionistas. Além de ser alvo de peritos em criminologia, sociologia e pedagogia, ele também é objeto de estudo de psicólogos e psiquiatras<sup>101</sup>.

Nas descrições dos peritos *psi*, ele se transforma em um tipo, um perfil de personalidade, uma categoria. Deixa de estar em jogo a punição de ações que já ocorreram. Nos perfis de risco, crianças “em risco” com menos de 5 anos são preparadas para ser “detectadas cedo”. “O foco deixa de ser o crime e passa a ser o criminoso”, como observa Foucault. Segundo Christiane Hutson,

<sup>100</sup> RAZACK, Sherene. When place becomes race. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Space, race and law: unmapping a white settler society*. Toronto: Between the Lines, 2002.

<sup>101</sup> Sobre a dispersão do discurso *psi* para outras formações disciplinares e profissionais e através de toda a cultura neoliberal terapêutica, ver ROSE, 1989, nota 14.

um jovem psiquiatra queixa-se de que o *Manual diagnóstico e estatístico* (DSM) da Associação Americana de Psiquiatria (que durante muito tempo incluiu a homossexualidade e o “transtorno de identidade de gênero” e que ainda lista muitas práticas e identidades *queer* e *trans* como transtornos mentais) não tem um diagnóstico específico para os infratores intensivos<sup>102</sup>. Ao mesmo tempo, o atual DSM, cuja lista de diagnósticos aumentou exponencialmente desde a primeira edição (de 60 para mais de 400 em breve), é continuamente invocado. Entre os rótulos existentes, o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e o transtorno de personalidade antissocial são citados várias vezes.

Embora a genealogia desses diagnósticos esteja além do escopo deste trabalho, ambos têm enorme semelhança com os espectros eugênicos de degeneração e são profundamente racificados e classistas em sua aplicação. Rachel Gorman descreve a hiperatividade como sucessora da “imbecilidade moral”, que era frequentemente atribuída a crianças de cor consideradas “irrequietas, malvadas, rebeldes a toda a forma de disciplina; falta-lhes sequência de ideias e provavelmente poder de atenção”<sup>103</sup>.

Aparentemente de forma mais inofensiva, o debate sobre o *Intensivtäter* recorre ao TDAH como instrumento de prognosticação para identificar em “bebês difíceis” futuros

---

<sup>102</sup> HUCK, Wilfried. Intensivtäter aus jugendpsychiatrischer Sicht (Infratores intensivos a partir de uma perspectiva psiquiátrica para jovens). In: BOEGER, Annette (Ed.). *Jugendliche intensivtäter: Interdisziplinäre Perspektiven (Jovens infratores intensivos: perspectivas interdisciplinares)*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften 2011. p. 141-171.

<sup>103</sup> GORMAN, 2013, nota 14. Ela também destaca a bifurcação do ADHD em “criança de cor ‘hiperativas’ que são segregadas em educação especial, enquanto jovens de classe média com ‘déficit de atenção’ recebem computadores e orientadores especializados”.

delinquentes crônicos<sup>104</sup>. Na América do Norte, o diagnóstico generalizado de TDAH e a medicação corriqueira de crianças têm sido associados com o marketing agressivo das empresas farmacêuticas<sup>105</sup>. A expansão desse diagnóstico nos mercados insaturados da Europa deve ser observada no contexto do complexo médico-industrial (MIC), que, nas palavras de Jabir Tuar, capacita novamente os corpos<sup>106</sup>. Temos de indagar como é que o complexo médico-industrial, assim como muitos que trabalham na interseção de raça e deficiência já demonstraram, “trata” os corpos de maneira diferenciada<sup>107</sup>. Devemos também perguntar como é que ele aumenta a produtividade das populações excedentes além da sua capacidade de trabalho. No contexto do racismo neoliberal, os corpos rotulados como cronicamente delinquentes não são

---

<sup>104</sup> ROTH; SEIFFGE-KRENKE, 2011, nota 76, p. 256. Esse não é o único diagnóstico atualmente feito para traçar o perfil de crianças racializadas como futuros delinquentes. Segundo Nadia Kanani, isso tem “similaridades com o diagnóstico de Síndrome Alcohólica Fetal (SAF) usada especificamente para refletir povos indígenas [no Canadá] e, especialmente, a capacidade reprodutiva de mulheres indígenas sob o pretexto de prevenir incapacidade congênita – em outras palavras, ‘recém-nascidos difíceis’”. Os supostos sintomas de SAF são também comportamentais, incluindo a incapacidade de discernir certo e errado, compreensão limitada das consequências das ações de uma pessoa, dificuldade de seguir regras. (KANANI, Nadia. Comunicado pessoal, 6 mar. 2013)

<sup>105</sup> BREGGIN, Peter. *Talking back to ritalin*. Monroe, Maine: Common Courage Press, 1998.

<sup>106</sup> PUAR, Jasbir K. The cost of getting better: suicide, sensation, switchpoints, racialization, neoliberalism and *queering* public spheres (O custo para se sentir melhor: suicídio, sensação, pontos de mudança, racialização, neoliberalismo e *queering* de esferas públicas). *GLQ: journal of lesbian and gay studies*, Durham, v. 18, n. 1, p. 149-158, 2011.

<sup>107</sup> HUTSON, Christiane. *Unverschamt: Wir im Spannungsfeld von Rassismus, Hetero-/Sexismus und Ableism (Sem sentimento de vergonha: nós, no campo de força do racismo/sexismo e discriminação contra pessoas com incapacidade)*. 2009. Disponível em: <[www.zedis.uni-hamburg.de/wp-content/uploads/hutson\\_rassismus\\_sexismus.pdf](http://www.zedis.uni-hamburg.de/wp-content/uploads/hutson_rassismus_sexismus.pdf)> (artigo apresentado na Universidade de Hamburgo); ROBERTS, 1997, nota 99.

casualmente aqueles afetados de forma desproporcional pelo êxodo industrial e o conseqüente desemprego em massa<sup>108</sup>.

Esse fato é também evidente no segundo diagnóstico citado no debate sobre o *Intensivtäter*: transtorno de personalidade antissocial (ou associal ou dissocial). Na lista de verificação desse diagnóstico figuram “traços” como “falta de conformidade com as normas sociais”, “falta de capacidade de empatia”, “irresponsabilidade e desacato das normas sociais”, “impulsividade”, “baixo limiar para demonstrações de agressividade, incluindo violência” e “incapacidade de sentir culpa”<sup>109</sup>.

Não somente o carcerário e o biomédico estão entrelaçados, nesse caso, de forma que lembra as antigas noções eugênicas do criminoso nato, mas também, de modo geral, os distúrbios de personalidade são considerados “incuráveis”. Nas palavras de dois psicólogos na mesma coletânea que apoiam o ponto de vista de que o jovem cronicamente delinquente representa o seu próprio “tipo” (o tipo *life course persistente* – LPC – ou “infrator persistente por toda a vida”), “difícilmente se pode esperar que os indivíduos do tipo LPC aprendam comportamentos pró-sociais na idade adulta”<sup>110</sup>.

<sup>108</sup> Existe evidência circunstancial em comunidades ativistas na Alemanha de que crianças rotuladas de difíceis ou problemáticas, geralmente crianças racializadas e identificadas como turcas ou árabes, recebem esse diagnóstico na escola (Oficina “Racismo e saúde mental” promovida durante a Conferência “Descolonizar a cidade” realizada em Berlim, 23 de setembro de 2012. Ver *DECOLONIZE THE CITY*. Disponível em: <<http://www.decolonizethecity.de>>. Acesso em: 15 set. 2013). Agradeço a Cengiz Barskanmaz e a Meral El por compartilharem os achados preliminares da pesquisa que realizaram nas escolas de Berlim que confirmam essa tendência (2012).

<sup>109</sup> TRANSTORNO de personalidade antissocial. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Antissocial\\_personality\\_disorder](http://en.wikipedia.org/wiki/Antissocial_personality_disorder)>. Acesso em: 18 set. 2013. Esses transtornos são coletados do *Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais* (DSM) e da lista da Organização Mundial da Saúde.

<sup>110</sup> ROTH; SEIFFGE-KRENKE, 2011, nota 76, p. 255-256.



Ambos os capítulos citam as teorias cada vez mais populares sobre o cérebro e a genética, que consideram a violência hereditária. Isso pode ocorrer biológica ou socialmente: a agressividade também pode ser causada por lesões violentas na cabeça! Lembrando-se do debate sobre o “criminoso nato” e o “criminoso socializado”, essa lógica combina não somente natureza e formação, mas também ciência e moralidade cristã: no cérebro frontal situam-se o controle de impulsos e a consciência. Faz-nos lembrar dos escândalos nos Estados Unidos sobre as propostas de usar crianças de bairros negros e latinos como cobaias, em nome da prevenção da violência e de tumultos, e dos apelos recorrentes por testes genéticos e tomografias computarizadas do cérebro para fins de “triagem e intervenção”<sup>111</sup>. No Reino Unido, os pesquisadores começaram a reunir perfis de risco que incluem “biomarcadores” juntamente com fatores sociais como alcoolismo, pobreza, experiências de violência e etnia, que em breve poderão ser disponibilizados a juízes, professores e médicos para fins diversos<sup>112</sup>.

Também nesse caso é necessária uma perspectiva transnacional. Embora os peritos alemães confiem amplamente na literatura sobre TDAH desenvolvida em língua inglesa, a qual descreve de forma intercambiável um tipo “antissocial”, “dissocial” ou “associal”, até agora não encontrei o termo *asozial* na literatura alemã, talvez por ser precisamente aquele usado pelos nazistas para caracterizar pessoas pobres, desviantes sexuais e ciganos *roma* e *sinti* para esterilização ou internação. Contudo, podemos levar mais além as reflexões de Sherene Razak sobre a degeneração de corpos e espaços racializados, que são sempre unicamente percebidos como origem e nunca como alvo da violência. Também ficar atentos ao regresso da eugenia explícita

<sup>111</sup> BREGGIN, 1995, nota 23, p. 3-22; ROSE, 2010, nota 23.

<sup>112</sup> Para um relato não crítico, ver SINGH; ROSE, 2009, nota 24.

na Alemanha: desde a teoria racista do político alemão Thilo Sarrazin, que afirma que os indivíduos de origem turca têm QIs mais baixos e os de origem judaica, mais altos, teoria que chegou às manchetes na mesma época que o pânico sobre o *Intensivtäter* e é citada no debate sobre o pânico relativo à “prática cultural” do casamento entre primos, e os informes sobre violência que começam com prognósticos demográficos sobre o crescimento desproporcionado das populações imigrantes<sup>113</sup>.

Essas são narrativas de decadência que situam a queda social e biológica da nação na reprodução das populações racializadas.

Seguindo teóricos *queer* de cor como Rod Ferguson e Cathy Cohen, podemos justapor a essas heterossexualidades impróprias os investimentos *queer* na reprodução e regeneração por meio de figuras como o casamento *gay*, as famílias arco-íris e os amantes *queer*, que ganham vida nas sombras de corpos degenerados e nas construções regeneradoras do gueto gentrificador. A vitalização do sujeito *queer* é necropolítica, uma vez que ocorre dentro ou próximo dos próprios mundos de morte onde surgem os espectros do Outro<sup>114</sup>.

A nova vitalidade do sujeito *queer* contrasta com a herança inevitavelmente associal do *Intensivtäter*. Até aqui isso parece ocorrer de forma mais aleatória que sistemática. Em estudo realizado por Ohder e Huck – um criminologista e um psicólogo que examinaram arquivos sobre jovens assim rotulados nos serviços de promotoria em Berlim –, destacam-se explicações construcionistas, mas, de repente, começa-se a discriminar as “conspicuidades físicas”, “mentais” e “sociais” dos indivíduos

<sup>113</sup> HAUG, 2010, nota 71, p. 5; SARRAZIN, Thilo. *Deutschland Schafft Sich Ab (A Alemanha mata a si própria)*. Berlim: Peter Palm, 2010.

<sup>114</sup> HARITAWORN *et al.*, 2013, nota 12; HARITAWORN *et al.*, 2013, nota 11; MBEMBE, 2003, nota 20, p. 40.

pesquisados<sup>115</sup>. A lista inclui<sup>116</sup>: “deficiência da fala (gagueira, mudez)”, “conspicuidade motora (hiperatividade, problemas de coordenação)”, “conspicuidade física crônica visível (crescimento atrofiado, manqueira)”, “conspicuidade orgânica do cérebro (lesões cerebrais adquiradas no início da infância, síndrome de Down, epilepsia)”, “conspicuidades que causam dano aos outros (‘extroversão’) ou a si próprio (‘introversão’)”, “distorção (ilusória) da percepção”, “fuga de casa”, “prostituição” e “tentativas de suicídio”.

Embora estejam patentes na figura do Intensivtäter as palavras deficiência, classe e raça, a sua deficiência inata – inferioridade física e mental, pobreza, desviante social e sexual, genealogia alcoólatra, criminosa ou de locura – o distingue do sujeito reconhecidamente incapacitado, do sujeito homonormativo, do sujeito reformável da classe trabalhadora e do bom sujeito multicultural. Os fantasmas eugenistas que o assombram são completamente diferentes do cenário distintamente pós-genocida dos discursos do Homo-Memorial.

O que a comparação com as vítimas judaicas faz para tornar respeitável um (certo) sujeito *queer*? Como a orientação para os campos de concentração (uma instituição do passado, cujos detentos eram inocentes e respeitáveis) nos afasta de outros locais de morte física e social, como a prisão ou a instituição psiquiátrica – onde os primeiros foram gaseados e os últimos (oficialmente) mortos em 1948<sup>117</sup>, uma instituição de “assistência” e “reforma” que nunca foi desnazificada – pela qual têm passado muito mais pessoas desconformes em termos de gênero e sexo?

<sup>115</sup> OHDER; HUCK, 2006, nota 62.

<sup>116</sup> Muitos dos termos na lista seguinte, como *auffälligkeit* (conspicuidade), soam estranho também em alemão. Defendo que a escolha de um vocabulário mais aleatório, menos medicamente preciso, serve ao propósito de obscurecer seus fantasmas eugenésicos.

<sup>117</sup> HALMI, 2008, nota 25.

Mais uma vez, o infrator odioso/intensivo permanece impávido nesse cenário de celebração e nos futuros que se abrem a partir dele. Embora seu prognóstico pareça sombrio, ele é, à primeira vista, também, um objeto de assistência e reforma. Nas representações midiáticas do ódio/violência, as próprias experiências de abuso dos infratores são descritas com detalhes aparentemente sensíveis.

Toprak, até hoje citado como um especialista sobre o *Intensivtäter*, na sequência do debate sobre o *Festival Drag* é convidado a aplicar o seu diagnóstico testado e comprovado aos homófobos odiosos que, de fato, derivam do grupo suspeito idêntico. Em uma entrevista publicada na revista *queer* berlinense, *Siegessäule*, ele declara:

As semelhanças encontram-se na dificuldade que os infratores têm de falar sobre as suas emoções.

Eles nunca aprenderam a falar sobre o seu interior nem a resolver conflitos, uma vez que isso não é considerado masculino<sup>118</sup>.

Serkan A. e Spyridon L., o caso de *Intensivtäter* bem midiaticizado discutido acima, também sofreram. O pai de Serkan A. é violento e a mãe, doente mental; Serkan A. viveu em um orfanato e Spyridon L., em uma instituição psiquiátrica juvenil. Contudo, “nossa” empatia contrasta com a frieza emocional desses jovens, como explicita o perfil de Serkan A. publicado na revista *Stern*: os policiais de Munique responsáveis pela investigação do crime ficaram sem palavras diante de tamanha frieza.

Os psicólogos falam da superficialização do afeto (cita-se um pesquisador dos estudos sobre a violência): “Esses jovens têm

---

<sup>118</sup> TOPRAK, Ahmet. Machtausübung (Exercício do poder). *Siegessäule*, nov. 2011, p. 15. Entrevista. Disponível em: <[www.siegessaule.de/uploads/img/printausgaben/sis\\_11-11.pdf](http://www.siegessaule.de/uploads/img/printausgaben/sis_11-11.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

dificuldade de falar sobre seus sentimentos. Não sabemos se é um déficit de linguagem ou de experiência”<sup>119</sup>.

Apesar disso, essa narrativa de empatia nos afasta de Serkan A.

“Nossa” empatia com ele contrasta com sua falta de empatia, sua total falta de emoção, fortemente arraigada<sup>120</sup>. Contudo, seu desligamento da esfera da humanidade e do humanamente inteligível ocorre em nome da reforma.

Em particular, os pedagogos e os pesquisadores da masculinidade ficam às voltas com a questão de como podemos ensinar o infrator intensivo, apesar de tudo, a controlar sua ira e seu ódio e a desenvolver empatia pelas suas vítimas. “Nossa” mudez, porém, já aponta para a futilidade de tais tentativas<sup>121</sup>. Ao sermos deixados com pontos para ligar, a pergunta que não quer calar é certamente se os esforços bem intencionados não estarão sendo desperdiçados em mentes jovens tão profundamente mergulhadas no ódio.

<sup>119</sup> DOINET, Rupp; GÖTTING, Markus; KNOBBE, Martin. *Der Fall Serkan A.: Eine klassische Karriere (O caso Serkan: uma carreira clássica)*, Stern, 13 jan. 2008. Disponível em <<http://www.stern.de/panorama/der-fall-serkan-a-eine-klassische-karriere-607151.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

<sup>120</sup> Ver também OHDER; HUCK, 2006, nota 62, p. 23; TOPRAK; NOWACKI, 2010, nota 63; HUCK, 2011, nota 102; ROTH; SEIFFGE-KRENKE, 2011, nota 76, p. 255-256.

<sup>121</sup> BEN-MOSHE, Liat. Resistance to incarceration: the intersections of prison abolition, anti-psychiatry and deinstitutionalization (Resistência ao encarceramento: as interseções de abolição de prisão, antipsiquiatria e desinstitucionalização). In: CONFERÊNCIA PSYCHOUT, Toronto, 7-8 maio, 2010. *Proceedings...* Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/psychout/abstracts/ben-moshe.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014. Além de analisar como a descartabilidade de jovens de cor é eufemizada em narrativas emotivas como essas, temos de levar em conta as práticas institucionais que dirigem o infrator reincidente. Nesse caso, é útil o conceito de “transinstitucionalização” proposto por Liat Ben-Moshe: Como as populações excedentes são afuniladas em um ciclo de encarceramento e reforma? Embora o infrator reincidente seja amplamente estudado, não existe pesquisa sobre o que realmente acontece a pessoas com esse rótulo. (Ver OHDER; HUCK, 2006, nota 62, p. 23)

## 6 CONCLUSÃO: EM BUSCA DE UM IMAGINÁRIO ABOLICIONISTA

A discriminação da maldade como problema de indivíduos maus que precisam ser exilados surge recorrentemente não somente em nossos sistemas de punição criminal, mas também em escolas, empregos, organizações, formações ativistas, bairros, grupos de amigos e famílias.

Os abolicionistas estão tentando construir modelos para lidar com a maldade que não dependam do exílio, da expulsão ou do enjaulamento, mas examinem as causas raiz da maldade e busquem a cura e a transformação tanto das pessoas atingidas pelos maus-tratos como daquelas responsáveis por ele<sup>122</sup>.

Uma perspectiva feminista e transnacional dos estudos da deficiência nos obriga a ver que os corpos fortificados de mulheres (deficientes) (do terceiro mundo) ostentam cicatrizes que falam de séculos de violência – representativa, psicológica e material – e ainda vivem para contar suas histórias no sussurro ofegante de corpos rebentados e ossos estilhaçados. Como testemunhas dessa violência, nosso único recurso é formular uma teoria e uma práxis transnacional que funcionem além das fronteiras de raça, classe, gênero, deficiência e sexualidade para dar cabo a essa violência agora<sup>123</sup>. Após refletir sobre as metonímias *queer* de justiça sexual e criminal, sobre os conhecimentos carcerários e biomédicos e sobre as figurações racializadas, perversas e de loucura que tracei neste artigo, que lições podemos extrair?

<sup>122</sup> SPADE, 2012, nota 10, p. 196-197.

<sup>123</sup> EVERELLES, Nirmala. Embattled pedagogies: deconstructing terror from a transnational feminist disability studies perspective. In: DELEON A.; ROSS W. (Ed.). *Critical theories, radical pedagogies, and social education: towards new perspectives for the social studies*. Rotterdam, NL: Sense Publisher, 2010. p. 13-24.

Começando com uma crítica *queer* de cor do branco *queer*, acabei elaborando uma crítica institucional inspirada por um imaginário abolicionista de (nas palavras de Angela Davis) “um mundo sem prisões ou, pelo menos, um cenário social que deixou de ser dominado pela prisão”<sup>124</sup>. Esse imaginário abolicionista deve estender-se à psiquiatria e a outras instituições de “assistência” de forma que resistam ao desejo nostálgico por um Estado de bem-estar social que, para os racializados, sempre foi ambivalente<sup>125</sup>. Em vez de pensarmos em vão que os jovens rotulados como violentamente odiosos estão simplesmente na “instituição errada”, deveríamos prestar atenção na relação simbiótica entre os aparelhos punitivos e biomédicos, dentre outros “de auxílio” que servem para administrar as populações excedentes que, descritas por um, são reconhecidas pelo outro. Isso é especialmente relevante para as populações racializadas e colonizadas cuja conformidade com as normas brancas (principalmente relativas a gênero e sexualidade) e identidades

<sup>124</sup> DAVIS, Angela; RODRIGUEZ, Dylan. The challenge of prison abolition: a conversation. *Social Justice Journal*, Chicago, v. 27, n. 3, p. 212-218, 2000.

<sup>125</sup> Os esforços de resistir ao abuso prisional, com destaque para a alta incidência de prisioneiros “mentalmente doentes” que deveriam, na verdade, estar em instituições mentais, muitas vezes proclamados nos Estados Unidos, onde muitas instituições psiquiátricas foram fechadas em consequência de medidas neoliberais de austeridade, reificam noções hegemônicas de “doença mental” e ignoram como as instituições psiquiátricas foram também expostas como locais de confinamento. Os sobreviventes do sistema psiquiátrico há muito argumentam que as mesmas circunstâncias quase sempre levam o prisioneiro a passar períodos maiores de tratamento psiquiátrico do que o período em prisão e que, em vez de uma sentença claramente definida, o paciente psiquiátrico está à mercê dos médicos, que têm total poder discricionário de confinar o paciente até que se considere que esteja “curado”. (MASSREGELVOLLZUG/FORENSISCHE PSYCHIATRIE (*Psiquiatria forense*). Dissidentenfunk, 13 jan. 2005. Disponível em: <<http://www.dissidentenfunk.de/archiv/s0501/index.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

sempre foi da alçada dos peritos em castigo, bem como de psiquiatras e outros peritos em “assistência”<sup>126</sup>.

Além de entender a relação estreita entre criminalização e patologização em múltiplos lugares formais e institucionais<sup>127</sup>, um imaginário abolicionista talvez signifique, também, presenciar como a lógica punitiva e patologizadora fortalece lugares informais, inclusive aqueles que se identificam como alternativos, radicais ou progressistas. Sugerir a organização da antiviolença contra o ódio como um desses lugares, a qual, dada a disseminação global do ativismo contra os crimes de ódio e dos paradigmas carcerário e biomédico que o reforçam, exige uma crítica transnacional.

Proponho que o ódio seja, por diversas razões, um sinal problemático para nos organizarmos. Primeiro, descrever a violência como motivada pelo ódio é uma percepção limitada ou insuficiente da questão. E os muitos atos de violência feitos por prazer, indiferença ou solidariedade com os outros, em vez de por ódio e falta de empatia? A face mais marcante da violência pode muito bem não ser motivada pelo ódio, mas, sim, pela indiferença e negligência em relação àqueles que podem tê-la infligido a si

---

<sup>126</sup> VERGES, Françoise. *Monsters and revolutionaries: colonial family romance and metissage*. Durham, NC: Duke University Press, 1999; CHAN, Wendy; CHUNN, Dorothy; MENZIES, Robert. *Women, madness and the law: a feminist reader*. Londres: Glasshouse; Cavendish, 2005. Para um exemplo inspirador dessa análise transinstitucional, ver ROBERTS, 1997, nota 99.

<sup>127</sup> Sobre os desdobramentos das prisões e forças armadas dos Estados Unidos, ver GORDON, Avery. Abu Ghraib: imprisonment and the war on terror. *Race & Class*, Califórnia, v. 48, n. 1, p. 42-59, 2006. Sobre a transformação da grande instituição psiquiátrica em serviços de saúde mental na comunidade, ver VORONKA, Jijian. Rooting out the weeds: resisting white settler & psychiatric supremacy through a critique of *The Review of the Roots of Youth Violence*. In: CONFERÊNCIA PSYCHOUT: a conference for organizing resistance against psychiatry. OISE, Toronto, 7-8 maio, 2010. *Proceedings...* Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/psychout/papers/voronka.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.



mesmos ou parecer desmerecedores em um sistema meritocrático que oferece oportunidades iguais somente se nos esforçarmos o bastante.

Consequentemente, o ódio tem as mesmas tendências individualizadoras e despolitizantes que o discurso neoliberal de forma geral. O mais preocupante é que sua utilidade como método de antiviolença limita-se à sua tendência de ater-se aos corpos racializados incapazes de desempenhar uma cidadania global multicultural “adequada à subjetividade neoliberal”, nas palavras de Jodi Melamed. Serve como o mais recente descritor de populações descartáveis identificadas como “monoculturais, irracionais, regressivas, patriarcais ou criminosas”, um rótulo que, segundo Everelles, precisamos também identificar como incapacitante<sup>128</sup>.

Além de gerar consentimento para medidas e representações cada vez mais desumanizantes, a figura do Outro odioso também se torna a medida padrão pela qual todas as pessoas racializadas devem conformar-se à nossa opressão. Eu o descrevi aqui como um discurso *psi* que disciplina, mas também é um ingrediente produtivo de governamentalidade, uma vez que nos incita a nos tornarmos sujeitos dóceis que se esforçam muito para não parecerem odiosos quando confrontados com essa desumanização.

Embora minha análise critique o paradigma político de vítima/sujeição, ela ao mesmo tempo complica o relato de maus-tratos tal como são vivenciados e mobilizados universalmente. Por exemplo, a discussão de Wendy Brown sobre “vínculos feridos” das políticas de identidade dominantes ajuda a explicar

---

<sup>128</sup> MELAMED, 2011, nota 6, p. 89.

a aquisição de ódio/crime<sup>129</sup>. Não obstante isso, “o drama dos amantes *queer* e o Outro odioso” destaca a posição diferencial e os efeitos dessas figuras de violência e antiviolença. Como as narrativas de maus-tratos têm efeitos diferentes, dependendo do autor? Por que as narrativas de trauma relacionadas com vítimas/sujeitos homonormativos circulam em tão grande volume e com tamanha rapidez enquanto as experiências de racismo, pobreza ou violência policial permanecem mudas e apagadas? Voltando à sóbria análise de Charlie Haddad, como os maus-tratos contra indivíduos transgêneros brancos se tornam razão para reivindicações de cidadania enquanto os maus-tratos contra *trans* de cor devem ser resolvidos em particular, engolidos e aturados, porque dar-lhes voz seria o mesmo que perder o pouco direito que alguém pode reivindicar à comunidade *queer* e aos poucos recursos que o acompanham?<sup>130</sup>

Os perfis de personalidade examinados deixam claras as enormes pressões exercidas sobre os sobreviventes da opressão de classe e raça para se mostrarem incólumes a elas e as suportarem como receptáculos e receptores.

Nas formulações da necropolítica *queer* que vão além do ditoso quadro de inclusão de cidadania sexual, vê-se claramente o paradoxo de quem deve morrer para que “nós” possamos viver (ou melhor, quem deve viver para que “eles” possam ser mortos

---

<sup>129</sup> BROWN, 1993, nota 36; ver também Glen Coulthard em discurso principal durante a Conferência de Riverside na Universidade da Califórnia: Critical Ethnic Studies and the Future of Genocide (Estudos étnicos críticos e o futuro genocídio), para a crítica que ele faz de Brown, que argumenta que para os povos indígenas do Canadá é ainda muito cedo para desaparecer o ressentimento e conclui: “Vamos aproveitar”. (COULTHARD, 2011, nota 36)

<sup>130</sup> Embora Charlie Haddad e outros em Berlim tenham, nesse intervalo, encontrado grupos de ativistas *queer* e *trans* de cor com os quais é possível compartilhar a violência interseccional, eles continuam atribulados e fatigados, e não desejam abusar da presença deles aqui.

impunemente). Enquanto enfocamos as forças fabricadoras de morte, devemos, ao mesmo tempo, perguntar como seria uma política *queer e trans* que genuinamente fomente a sobrevivência; tal tarefa poderia começar com a opressão de raça e de classes em vez de com a *hetero* ou mesmo homonormatividade. Uma política assim criaria espaços nos quais a segurança não seria ganha por regimes que reforçam a exploração; a negligência e a violência dos mais poderosos seriam mais alardeadas do que os atos daqueles subjugados que não precisam ser inocentes para merecerem solidariedade e para quem a cura e a transformação precisariam de muito mais do que diversificação do insustentável *status quo*.

**Beyond “hate”:** queer metonymies of crime, pathology and anti/violence

**Abstract:** This article questions the uninterrogated role of hate as the hegemonic paradigm for understanding and organising against violence globally. While we have at our disposal a range of analytics – from affect studies to feminism to homonormativity – to make sense of dominant figurations of queer love and the neoliberal multicultural publics and carceral landscapes that they render palpable, hate has not undergone similar challenges. Using a transnational lens to document the arrival of the hate crime/violence discourse in Germany, where languages such as Hassgewalt that attribute violence to hate are recent, I argue that hate is a risky diagnostic to organise around, in that it always already sticks to racialised bodies. Tracing figurations of violence, homophobia and crime through a range of media, activist and policy texts, I argue that the drama of queer lovers and hateful Others has unfolded in close proximity to wider crime discourses that are again highly racialised and globalised. The two moral panics share a setting in

the gentrifying inner city, a psy profile, an arsenal of techniques of punishment and reform, and a bioand geopolitical horizon and orientation towards degenerate bodies and spaces that are both disposable and sites of value extraction. This has implications beyond what kind of languages we choose to use. The article calls for an abolitionist imagination that goes beyond the prison and extends to institutional and other sites more often considered caring and benevolent, including the communities we wish to build ourselves.

**Keywords:** Sexual justice. Queer. Hate crimes. Transnationality.

## REFERÊNCIAS

“LOVE deserves respect campaign”: the portrayal of ethnic minorities in advertising. Disponível em: <advertising<<http://noasharfberlin.blogspot.com.au/2009/06/love-deserves-respect-campaign.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

AGATHANGELOU, Anna; BASSICHIS, M. Daniel; SPIRA, Tamara L. Intimate investments: homonormativity, global lockdown and the seductions of empire. *Radical History Review*. Durham, v. 100, p. 120-143, 2008.

AHMED, Sara. *Queer phenomenology: orientations, objects, others*. Durham: Duke University Press, 2006.

AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

AHMED, Sara. *The promise of happiness*. Durham: Duke University Press, 2010.

AMSPERGER, Von. Die schlagen mich tot. *Stern*, Hamburgo, 24 jun. 2008. Disponível em: <<http://wap.stern.de/op/stern/de/ct/-X/detail/kultur/U-Bahn-Schl%E4ger-Prozess-Die/624986/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BACKGROUND. *Support CeCe MacDonald!* Disponível em: <<http://supportcece.wordpress.com/about-2/background/>>. Acesso em: 1º set. 2013.

BACKGROUND. *Support CeCe MacDonald!* Disponível em: <<http://supportcece.wordpress.com/about-2/background/>>. Acesso em: 1º set. 2013, nota 12.

BAIER, Dirk *et al.* *Kinder und jugendliche in Deutschland: gewalterfahrungen, integration, medienkonsum (Crianças e jovens na Alemanha: experiências de violência, integração, consumo de mídia)*. Hannover: Lützerodestraße, 2010.

BARSKANMAZ, Cengiz. *Rasse: Unwort des Antidiskriminierungsrechts? (Raça: termo tabu na lei de antidiscriminação?)*. *Kritische Justiz*, Bremen, v. 3, p. 382-389, 2011.

BARSKANMAZ. Comunicado pessoal, 2009.

BASSICHIS, M.; SPADE, D. Racialised-gendered detention and a politics beyond recognition. In: HARITAWORN, Jin *et al.* (Ed.). *Queer necropolitics*. Londres: Routledge, 2013.

BEN-MOSHE, Liat. Disabling incarceration: connecting disability to divergent confinements in the USA. *Critical Sociology*, Nova Iorque, v. 39, n. 3, p. 385-403, 2011.

BEN-MOSHE, Liat. Resistance to incarceration: the intersections of prison abolition, anti-psychiatry and deinstitutionalization (Resistência ao encarceramento: as interseções de abolição de prisão, antipsiquiatria e desinstitucionalização). In: CONFERÊNCIA PSYCHOUT, Toronto, 7-8 maio, 2010. *Proceedings...* Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/psychout/abstracts/ben-moshe.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BERLANT, Lauren. Love, a *queer* feeling. In: DEAN, T.; LANE, C. (Ed.). *Homosexuality and psychoanalysis: an introduction*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2001. p. 432-451.

BERLANT, Lauren. On the case. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 33, n. 4, p. 663-72, 2007. Disponível em: <[http://criticalinquiry.uchicago.edu/past\\_issues/issue/special\\_issue\\_2007\\_v34\\_n4/](http://criticalinquiry.uchicago.edu/past_issues/issue/special_issue_2007_v34_n4/)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BETRAYING the model city: how gang injunctions fail Oakland. Oakland: Critical Resistance Oakland, 2011. Disponível em: <[https://stoptheinjunction.files.wordpress.com/.../cr\\_ganginjunctionsreport-1.pdf](https://stoptheinjunction.files.wordpress.com/.../cr_ganginjunctionsreport-1.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BOZIC, Ivo. Das große Schweigen: Homophobe türkische Jugendliche und die Angst vor Rassismussvorwürfen (*Um grande silêncio: jovens*

turcos homófobos e o medo de serem acusados de racistas). *Jungle World*, 26 jun. 2008. Disponível em: <[jungle-world.com/artikel/2008/26/22074.html](http://jungle-world.com/artikel/2008/26/22074.html)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BREGGIN, Peter. Campaigns against racist federal programs by the Center for the Study of Psychiatry and Psychology. *Journal of African American Studies*, Ohio, v. 1, n. 3, p. 3-22, 1995.

BREGGIN, Peter. *Talking back to ritalin*. Monroe, Maine: Common Courage Press, 1998.

BREITMAN, G. (Ed.). *Malcolm X Speaks: selected speeches and statements*. Nova Iorque: Grove Press, 1994. v. 125.

BROWN, Wendy. Wounded attachments. *Political Theory*, Baltimore, v. 21, n. 3, p. 390-410, 1993.

BRYANT, Karl; VIDAL-ORTIZ, Salvador. Introduction to retheorizing homophobias. *Sexualities*,

BULLY BLOGGERS. *Where now?* From pride scandal to transnational movement. 26 jul. 2010. Disponível em: <<http://bullybloggers.wordpress.com/2010/06/26/where-now-from-pride-scandal-to-transnational-movement/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

BURSTOW, Bonnie. The withering away of psychiatry: an attrition model for antipsychiatry. In: A CONFERENCE FOR ORGANIZING RESISTANCE AGAINST PSYCHIATRY OISE, Toronto, 2010, 7-8 de maio de 2010. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/psychout/papers/burstow\\_keynote.html](http://individual.utoronto.ca/psychout/papers/burstow_keynote.html)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

CAMPT, Tina. The crowded space of diaspora: intercultural address and the tensions of diasporic relation. *Radical History Review*, Durham, v. 83, p. 94-113, 2002.

CHAN, Wendy; CHUNN, Dorothy; MENZIES, Robert. *Women, madness and the law: a feminist reader*. Londres: Glasshouse; Cavendish, 2005.

CHANGE-MANAGEMENT-COACH. *Change quotes*. Disponível em: <<http://www.change-managementcoach.com/change-quotes.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

COHEN, Cathy. Death and rebirth of a movement: *queering* ethnic studies. *Social Justice*, Chicago, v. 37, n. 4, p. 126-132, 2010-2011.

COHEN, Cathy. Discurso principal. In: CRITICAL ETHNIC STUDIES AND THE FUTURE OF GENOCIDE. University of California, Riverside, 10-12 mar. 2011.

COHEN, Cathy. Punks, bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics?, *GLQ: a journal of lesbian and gay studies*, v. 3, n. 4, p. 437-465, 1997.

CONRAD, Ryan (Ed.). *Against equality: prisons will not protect you*. Lewiston, ME: *Against Equality Publishing Collective* 2012.

COULTHARD, Glen. Discurso. In: CRITICAL ETHNIC STUDIES AND THE FUTURE OF GENOCIDE. University of California, Riverside, 10-12 mar. 2011.

DAVIS, Angela. *Are prisons obsolete?* Nova Iorque: Seven Stories Press 2003. Disponível em: <[www.feministes-radicales.org/.../Angela-Davis-Are\\_Prisons\\_Obsolete.pdf](http://www.feministes-radicales.org/.../Angela-Davis-Are_Prisons_Obsolete.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

DAVIS, Angela; RODRIGUEZ, Dylan. The challenge of prison abolition: a conversation. *Social Justice Journal*, Chicag, v. 27, n. 3, p. 212-218, 2000.

DECOLONIZE *queer*: from gay pride to white pride?: why marching on east London is racist. *Decolonizing Sexualities Network*, Londres, 15 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.decolonizingsexualities.org/decolonize-queer/>>. Acesso em: 10 ago. 2014..

DECOLONIZE THE CITY! Berlin, 2012. Disponível em: <<http://www.decolonizethecity>>. Acesso em: 15 set. 2013.

DOINET, Rupp; GÖTTING, Markus; KNOBBE, Martin. *Der Fall Serkan A.: Eine klassische Karriere (O caso Serkan: uma carreira clássica)*, Stern, 13 jan. 2008. Disponível em <<http://www.stern.de/panorama/der-fall-serkan-a-eine-klassische-karriere-607151.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

DUGGAN, Lisa. *The twilight of equality?: neoliberalism, cultural politics, and the attack on democracy*. Boston: Beacon Press, 2003.

EL-TAYEB, Fatima *European others: queering ethnicity in postnational Europe*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

EL-TAYEB, Fatima. Begrenzte Horizonte: Queer Identity in der Festung Europa (*Horizontes limitados: identidade queer na fortaleza Europa*).

In: STEYERL, H.; GUTIERREZ RODRIGUEZ, E. (Ed.). *Spricht die Subalterne Deutsch?: Migration und Postkoloniale Kritik (O subalterno fala alemão?: migração e crítica pós-colonial)*. Münster: Unrast Verlag, 2003.

EL-TAYEB, Fatima. *Schwarze Deutsche: Der Diskurs um “Rasse” und Nationale Identität (Alemães negros: o discurso de “Raça” e identidade nacional)*. Frankfurt; Main: Campus, 2001.

EVERELLES, Nirmala. Embattled pedagogies: deconstructing terror from a transnational feminist disability studies perspective. In: DELEON A.; ROSS W. (Ed.). *Critical theories, radical pedagogies, and social education: towards new perspectives for the social studies*. Rotterdam, NL: Sense Publisher, 2010. p. 13-24.

FEDDERSEN, Jan. Was guckst du? Bist du schwul? (O que você está olhando, gay?). *Taz.die Tageszeitung*, 8 nov. 2003. Disponível em: <<http://www.taz.de/Abo/!p4209/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

FOUCAULT, Michel. Sobre o conceito de “indivíduo perigoso” na psiquiatria forense do século XIX. *International J. L. & Psychiatry*, Nova Jersey, v. 1, p. 1-18, 1978.

FOUCAULT, Michel. *Society must be defended: lectures at Collège de France (Em defesa da sociedade: palestras proferidas no Collège de France)*, 1975-1976. Ed. Mauro Bertani e Alessandro Fontana. Nova Iorque: Picador 2003. p. 239-264.

GILMORE, Ruth Wilson. Fatal couplings of power and difference: notes on racism and geography. *The Professional Geographer*, Londres, v. 54, n. 1, p. 15-24, 2002.

GILMORE, Ruth Wilson. *Golden Gulag: prisons, surplus, crisis, and opposition in globalizing California*. California: University of California Press, 2007.

GORDON, Avery. Abu Ghraib: imprisonment and the war on terror. *Race & Class*, Califórnia, v. 48, n. 1, p. 42-59, 2006

GORDON, Avery. *Ghostly matter: haunting and the sociological imagination*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

GORMAN, Rachel. Mad nation?: thinking through race, class, and mad identity politics. In: LEFRANIJOIS B.A; MENZIES, Robert; REAUME, Geoffrey. (Ed.). *Mad matters: a critical reader in canadian mad studies*. Toronto: Canadian Scholars’ Press Inc., 2013.



GORMAN, Rachel. Social theory in the disabled nation: class and the quagmire of affect, historical materialism. In: TORONTO HISTORICAL MATERIALISM CONFERENCE (Conferência de Toronto sobre Materialismo Histórico), 2012. Arquivo do autor.

GRASSMANN, Philip. *Migrantenkinder gegen Schwule*: homophobes Berlin (*Crianças migrantes versus gays*: Berlim homofóbica). *Sueddeutsche Zeitung*, 17 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.sueddeutsche.de/panorama/migrantenkinder-gegen-schwule-homophobes-berlin-1.335341>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

HAAKENSON, Thomas. Queers in space: the queer art of Michael Elmgreen and Ingar Dragset. QUEER FUTURITIES SYMPOSIUM. *Anais...*, Berlim: Instituto Finlândia, 2009.

HADDAD, Charlie Abdullah. Entrevista no verão de 2012.

HALMI, Alice. *Kontinuitäten der Zwangspychiatrie (Continuidades de psiquiatria compulsória)*. 2008. Disponível em: <<http://www.irrenoffensive.de/kontinuitaeten.htm>>. Acesso em: 10 set. 2013.

HANHARDT, Christina. Butterflies, whistles, and fists: gay safe street patrols and the new gay ghetto. *Radical Hist. Rev.* Durham, n. 100, p. 61-85, 2008.

HARITAWORN Jin. *Beyond ‘hate’*: queer metonymies of crime, pathology and anti/violence. *Jindal Global Law Review*, Haryana, India, v. 4, n. 2, p. 44-78, nov. 2013. Disponível em: <[http://jglr.jgu.edu.in/PDF1/Jin\\_Haritaworn\\_\(Chapter-3\).pdf](http://jglr.jgu.edu.in/PDF1/Jin_Haritaworn_(Chapter-3).pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

HARITAWORN, Jin. Colorful bodies in the multikulti metropolis: trans vitality, victimology and the Berlin hate crime debate. In: COTTON, Trystan (Ed.). *Trans-migrations*: bodies, borders, and the (geo)politics of gender trans-ing. Nova Iorque: Routledge, 2011. p. 11-31.

HARITAWORN, Jin. *Queer injuries*: the racial politics of “hate crime” in Germany. *Social Justice*, Chicago, v. 37, n. 1, p. 69-89, 2010-2011.

HARITAWORN, Jin; KUNTSMAN, Adi; POSOCCO, Silvia. Introduction: murderous inclusions. *International Feminist Journal of Politics*, Reino Unido, v. 15, n. 4, p. 445- 452, 2013)

HARITAWORN, Jin; PETZEN, Jennifer. Invented traditions, new intimate publics: tracing the German “Muslim homophobia” discourse. In:

FLOOD, C. et al. (Ed.): *Islam in its international context: comparative perspectives*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011. p. 48-64.

HARITAWORN, Jin; SNORTH, Riley. *Trans necropolitics*. In: AIZURA A.; STRYKER, S. (Ed.). *Transgender studies reader*. Nova Iorque: Routledge, 2013. v. 2.

HAUG, Sonja. *Jugendliche Migranten – Muslimische Jugendliche: Gewalttätigkeit und Geschlechterspezifische Einstellungsmuster (Jovens migrantes – jovens muçulmanos: violência e padrões atitudinais específicos a gênero)*. 2010. Disponível em: <[www.bmfsfj.de/.../gewalttaetigkeit-maennliche-musliche-jugendliche.pdf](http://www.bmfsfj.de/.../gewalttaetigkeit-maennliche-musliche-jugendliche.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

HEISIG, Kirsten. *Das ende der geduld: konsequent gegen jugendliche gewalttater (O fim da paciência: endurecer contra os jovens infratores violentos)*. 2010. Disponível em: <[www.herder.de](http://www.herder.de) > Home > Bücher>. Acesso em: 10 ago. 2014.

HEYL, M. et al. U-Bahn-Schlagel Spricht Im Knast: Mein Vater hat mich geprugelt! *Bild*, 3 jan. 2008. Disponível em: <[http://www.bild.de/news/vermischtes/vater/schlaeger-3399928\\_bto.html](http://www.bild.de/news/vermischtes/vater/schlaeger-3399928_bto.html)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

HIMMELRATH, Armin. GOETHE INSTITUT. *10 years of PISA testing: taking stock*. Disponível em: <<http://www.goethe.de/wis/fut/sul/en8729860.htm>>. Acesso em: 10 set. 2013.

H-NET discussion networks: critical ethnic studies conference. Disponível em: <[http://cesa.ucr.edu/general\\_info.html](http://cesa.ucr.edu/general_info.html)>. Acesso em: 10 set. 2013.

HOBBSAWM, Eric. Introduction: inventing tradition. In: \_\_\_\_\_; RANGERS, T. (Ed.). *The invention of tradition*, p. 1-14 1983.

HONG, Grace; FERGUSON, Roderick (Ed.). *Strange affinities: the gender and sexual politics of comparative racialization*. Durham: Duke University Press, 2011.

HOOKS, Bell. *Killing rage: ending racism*. Harmondsworth, UK: Penguin, 1996.

HUCK, Wilfried. Intensivtater aus jugendpsychiatrischer Sicht (Infratores intensivos a partir de uma perspectiva psiquiátrica para

jovens). In: BOEGER, Annette (Ed.). *Jugendliche intensivtäter: Interdisziplinäre Perspektiven (Jovens infratores intensivos: perspectivas interdisciplinares)*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften 2011. p. 141-171.

HUTSON, Christiane. *Unverschamt: Wir im Spannungsfeld von Rassismus, Hetero-/Sexismus und Ableism (Sem sentimento de vergonha: nós, no campo de força do racismo/sexismo e discriminação contra pessoas com incapacidade)*. 2009. Disponível em: <[www.zedis.uni-hamburg.de/wp-content/uploads/hutson\\_rassismus\\_sexismus.pdf](http://www.zedis.uni-hamburg.de/wp-content/uploads/hutson_rassismus_sexismus.pdf)> (artigo apresentado na Universidade de Hamburgo).

INCITE!: lessons from the New Jersey 7. *New Left Turn Magazine* set. 2008. Disponível em: <[http://www.incite-national.org/media/docs/9908\\_toolkitrev-nj7.pdf](http://www.incite-national.org/media/docs/9908_toolkitrev-nj7.pdf)>. Acesso em: 1º set. 2013.

KANANI, Nadia Comunicado pessoal, 6 mar. 2013.

KANANI, Nadia. Race and madness: locating the experiences of racialized people with psychiatric histories in Canada and The United States. *Critical Disability Discourse: discours critiques dans le champ du handicap*, Toronto v. 3, 2011.

KAPUR, Ratna. *Erotic justice: law and the new politics of postcolonialism*. New Delhi: Permanent Black, 2005.

KRIMINOLOGISCHE studie: jung, muslimisch, brutal. *Spiegel Online*, 5 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/panorama/justiz/0,1518,698948,00.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

KUNTSMAN, Adi. *Figurations of violence and belonging: queerness, migranhood and nationalism in cyberspace and beyond*. Oxford: Peter Lang, 2009.

LEES, Loretta. Gentrification and Social Mixing: towards an Inclusive Urban Renaissance? *Urban Studies*, Glasgow, v. 45, n. 12, p. 2.449-2.470, 2008.

LENTIN, Alana; TITLEY, Gavan. Diane abbot's tweet and the red herring of anti-white racism. *The Guardian*, Reino Unido, 6 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2012/jan/06/diane-abbott-tweet-anti-white-racism>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

LORDE, A. The master's tools will never dismantle the master's house. In: MILLS, Ryan; LEWIS, Sara (Ed.). *Feminist postcolonial theory: a reader*. Nova Iorque: Routledge, 2003. p. 25-28.

LOVE, Heather. Compulsory happiness and queer existence. *New Formations*, Londres, v. 63, p. 52-64, 2007.

LSVD. *Feier zum Tag des Gedenkens an die Opfer des Nationalsozialismus (Cerimônia no dia de lembrar as vítimas do nacional-socialismo)*. Disponível em: <[http://www.berlin.lsvd.de/cms/index.php?option=com\\_content&task=view&id=450&Itemid=82](http://www.berlin.lsvd.de/cms/index.php?option=com_content&task=view&id=450&Itemid=82)>. Acesso em: 5 set. 2013.

LSVD. *Schluss mit Diskriminierung und Gewalt: Migranten müssen Verhältnis zu Homophobie klären (Um basta para a discriminação e violência: os migrantes precisam definir sua relação com a homofobia)*. LsVD Press Release, 18 jul. 2003.

LUIG, Judith. Ein Tag als Drag King die tageszeitung (Um dia como drag king). *Taz.die Tageszeitung*, 11 jun. 2008. Disponível em: <[www.taz.de/!18557/](http://www.taz.de/!18557/)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MASSREGELVOLLZUG/FORENSISCHE PSYCHIATRIE (*Psiquiatria forense*). Dissidentenfunk, 13 jan. 2005. Disponível em: <<http://www.dissidentenfunk.de/archiv/s0501/index.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolitics. *Public Culture*, Durham, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.

MELAMED, Jodi. Reading Tehran in Lolita: making racialized and gendered difference work for neoliberal multiculturalism. In: HONG Grace; FERGUSON, Roderick (Ed.). *Strange affinities: the gender and sexual politics of comparative racialization*, Durham: Duke University Press, 2011. p. 76-109.

MELTER, Claus; MECHERIL, Paul. *Rassismustheorie und-forschung in Deutschland: Kontur eines wissenschaftlichen Feldes (Teoria e pesquisa sobre racismo na Alemanha: contorno de um campo científico)*. In: MELTER, Claus; MECHERIL, Paul (Ed.). *Rassismuskritik*. Schwalbach/Ts.: Wochenschauverlag, 2009. v. 1, p. 13-22.

METZL, Jonathan *The protest psychosis: how schizophrenia became a black disease*. Boston, MA: Beacon Press, 2009.

MOYNIHAN, Daniel Patrick. *The negro family: the case for national action (A família negra: o caso de ação nacional)*. Washington, DC:

Office of Policy Planning and Research, US Department of Labor, 1965. Disponível em: <<http://www.dol.gov/dol/aboutdol/history/webid-meynihan.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2014.]

NAIR, Yasmin. *Why I won't come out on national coming out day* [Por que não vou sair no dia nacional de sair do armário]. 2008. Disponível em <http://www.yasminnair.net/content/why-i-won%E2%80%99t-come-out-national-coming-out-day-9-october-2008>.

OHDER, Claudius; HUCK, Lorenz. *Intensivtäter in Berlin: Hintergründe und Folgen vielfacher strafrechtlicher Auffälligkeit. Teil I Eine Auswertung von Akten der Abteilung 47, der Berliner Staatsanwaltschaft (Antecedentes e consequências de infrações reincidentes: Parte 1 de uma Análise dos arquivos da Divisão 47 da promotoria de Berlim)*. Berlim, 2006.

ORGANIZAÇÃO INDYMEDIA. *Homophober Angriff in Kreuzberg (Ataque homofóbico em Kreuzberg)*, 8 jun. 2008. Disponível em: <<http://de.indymedia.org/2008/06/219458.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

PETZEN, Jennifer. *Gender politics in the New Europe: “civilizing” muslim sexualities*. 2008. 240 f. Tese (Doutorado, Ph.D) – Universidade de Washington, Washington, 2008.

PUAR, Jasbir K. *Terrorist assemblages: homonationalism in queer times*. Durham: Duke University Press, 2007.

PUAR, Jasbir K. The cost of getting better: suicide, sensation, switch-points, racialization, neoliberalism and *queering* public spheres (O custo para se sentir melhor: suicídio, sensação, pontos de mudança, racialização, neoliberalismo e *queering* de esferas públicas). *GLQ: journal of lesbian and gay studies*, Durham, v. 18, n. 1, p. 149-158, 2011.

RAZACK, Sherene. When place becomes race. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Space, race and law: unmapping a white settler society*. Toronto: Between the Lines, 2002.

REICHERT, Martin. *Gewalt gegen Schwule: Jetzt reicht's langsam! (Violência contra gays: já passou da conta!)*. Tageszeitung 18 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.taz.de/154213/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

ROBERTS, Dorothy. Crime, race, and reproduction. *Tulane Law Review*, Tulane v. 67, n. 6, p. 1.945-1.977, 1993.

ROBERTS, Dorothy. *Fatal invention: how science, politics, and big business re-create race in the twenty-first century*. Nova Iorque: New Press, 2011.

ROBERTS, Dorothy. *Killing the black body: race, reproduction and the meaning of liberty*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1997.

ROSE, Nikolas. Screen and intervene: governing risky brains. *History of the Human Sciences*, Durham, v. n. 23, n. p. 79-105, 2010.

ROTH, Marcus; SEIFFGE-KRENKE, Inge. Frühe Delinquenz und familiäre Belastungen in der Kindheit (Delinquência precoce e tensão familiar na infância). In: BOEGER, Annette (Ed.). *Jugendliche Intensivtäter: Interdisziplinäre Perspektiven (Jovens infratores reincidentes: perspectivas interdisciplinares)*. Wiesbaden: VS Verlag, 2011. p. 255-276.

SARRAZIN, Thilo. *Deutschland Schafft Sich Ab (A Alemanha mata a si própria)*. Berlim: Peter Palm, 2010.

SCHUTZ, Jan. Kriminelle Ausländer: Diese mutige Richterin redet Klartext. *Bild*, 23 jan. 2010. Disponível em: <[http://www.bild.de/news/vermischtes/richterin/redet-klartext- ueber-kriminelle-auslaender-5879218.bild.html](http://www.bild.de/news/vermischtes/richterin/redet-klartext-ueber-kriminelle-auslaender-5879218.bild.html)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

SHOUMAN, Yasemin. *Der Topos “Deutschenfeinlichkeit” in Rechtspopulistischen Diskursen (O tropo da “Deutschenfeindlichkeit” nos discursos populistas de direita)*. *Rechtspopulismus in Berlin*, Berlim, p. 45-47, 2011. Disponível em: 10 ago. 2014.

SIMON, Bernd. Einstellung zur Homosexualität (Atitudes em relação ao homossexualismo). *Zeitschrift Fur Entwicklungspsychologie Und Padagogische Psychologie*, v. 88, 2007. Disponível em: <<http://arbeitsblaetter.stangl-taller.at/news/104/einstellung-zur-homosexualitaet>>. Acesso em: 10 ago. 2014).

SINGH Ilina; ROSE, Nikolas. Biomarkers in psychiatry. *Nature*, Reino Unido, n. 460, p. 202-207, 2009.

SKEGGS, Beverly. The value of relationships: affective scenes and emotional performances. *Feminist Legal Studies*, Ontario, v. 18, n. 1, p. 29-51, 2010.

SMITH, Andrea. Unmasking the State: racial/gender terror and hate crimes. *Australian Feminist Law Journal*, Australia, v. 26, p. 47-57, 2007.

SPADE Dean. Fighting to win. In: SYCAMORE Mattilda Bernstein (Ed.) *That's revolting!: queer strategies for resisting assimilation*. Nova Iorque: Soft Skull Press, 2004. p. 31-37.

SPADE, Dean. *Normal life: administrative violence, critical trans politics and the limits of law*. Brooklyn, NY: South End Press, 2012.

SPADE, Dean; WILLSE, Craig. Confronting the limits of gay hate crimes activism: a radical critique. *UCLA Chicano-Latino Law Review*, Califórnia, n. 21, p. 38-52, 2000.

STANLEY, Eric; SMITH, Nat (Ed.). *Captive genders: trans embodiment and the prison industrial complex*. Oakland: AK Press, 2011.

STEHLE, Maria. Narrating the ghetto, narrating Europe: from Berlin, Kreuzberg to the *Banlieues* of Paris. *Westminster Papers in Communication and Culture*, Londres, v. 3, n. 3, p. 48-70, 2006. Disponível em: <[https://www.westminster.ac.uk/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0009/20124/004WPCC-Vol3-No3-Maria\\_Stehle.pdf](https://www.westminster.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0009/20124/004WPCC-Vol3-No3-Maria_Stehle.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

STEUER, Sascha. *Homosexualität: Die jungsten Übergriffe machen uns Angst (Homosexualidade: os recentes ataques nos tornam temerosos)*, Tagesspiegel, 6 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.tagesspiegel.de/berlin/landespolitik/position-homosexualitaet-die-juengsten-uebergreifemachen-uns-angst/1365758.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

SUDBURY, Julia (agora Julia Oparah). Celling black bodies: black women in the global prison industrial complex. *Feminist Review*, , Nova Iorque, n. 80, p. 162-179, 2005.

TAM, Louise. *Governing through competency: race, pathologization, and the limits of mental health outreach*. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado em Arts) – Universidade de Toronto, Toronto, 2012; Sobre discursos psíquicos, ver ROSE, Nikolas. *Governing the soul: the shaping of the private self*. Nova Iorque: Routledge, 1989.

TOPOS Sozialstruktur. *Und Mietentwicklung Im Erhaltungsgebiet Luisenstadt (SO 36) (Estrutura social e desenvolvimento de locação na área protegida de Luisenstadt)*. Berlin: Bezirksamt Friedrichshain-Kreuzberg, 2008. Disponível em: <[http://www.berlin.de/imperia/md/content/bafriedrichshain-kreuzberg/abtstadtpg/amtstapl-verm\\_baa/stapl/stadterneuerung/luise\\_endbericht.pdf?start&ts=l264082523&file=luise\\_endbericht.pdf](http://www.berlin.de/imperia/md/content/bafriedrichshain-kreuzberg/abtstadtpg/amtstapl-verm_baa/stapl/stadterneuerung/luise_endbericht.pdf?start&ts=l264082523&file=luise_endbericht.pdf)>.

TOPRAK, Ahmet. Machtausübung (Exercício do poder). *Siegessaule*, nov. 2011, p. 15. Entrevista. Disponível em: <[www.siegessaule.de/uploads/img/printausgaben/sis\\_11-11.pdf](http://www.siegessaule.de/uploads/img/printausgaben/sis_11-11.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

TOPRAK, Ahmet; NOWACKI, Katja. Gewaltphänomene bei männlichen, muslimischen Jugendlichen mit Migrationshintergrund und Präventionsstrategien (*Fenômenos da violência entre jovens muçulmanos do sexo masculino com antecedentes de migração e estratégias de prevenção*). Dortmund, 2010. Disponível em: <<http://www.bmfsfj.de/RedaktionBMFSFJ/Abteilung2/Pdf-Anlagen/gewaltphaenomene-maennliche-muslimischen-jugendliche,property=pdf,bereich=bmfsfj,sprache=de,rwb=true.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

TRANSTORNO de personalidade antissocial. In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Antisocial\\_personality\\_disorder](http://en.wikipedia.org/wiki/Antisocial_personality_disorder)>. Acesso em: 18 set. 2013.

VERGES, Françoise. *Monsters and revolutionaries: colonial family romance and metissage*. Durham, NC: Duke University Press, 1999. p. 185-245.

VERGES, Françoise. *Monsters and revolutionaries: colonial family romance and metissage*. Durham, NC: Duke University Press, 1999.

VORONKA, Jijian. Rooting out the weeds: resisting white settler & psychiatric supremacy through a critique of *The Review of the Roots of Youth Violence*. In: CONFERÊNCIA PSYCHOUT: a conference for organizing resistance against psychiatry. OISE, Toronto, 7-8 maio, 2010. *Proceedings...* Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/psychout/papers/voronka.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

WEBER, Anja. Homophobie-Expertin der Berliner Polizei: Gewaltfangtnicht an, wennesblutet. *Taz*, 2009. Disponível em: <<http://www.taz.de/1/leben/koepfe/artikel/1/gewalt-faengt-nicht-an-wenn-es-blutet>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

WILSON, Ruth Gilmore. Globalisation and US Prison Growth: from military keynesianism to post-keynesian militarism. *Race & Class*, Londres, v. 40, n. 2/3, p. 171-88, 1999.

YILDIZ, Yasemin. Turkish girls, allah's daughters, and the contemporary german subject: itinerary of a figure. *German Life & Letters*, Alemanha, v. 1, v. 62, n. 4, p. 465-481, 2009.



YILMAZ-GUNAY, Koray (Ed.). *Karriere eines konstruierten Gegensatzes: zehn “Jahre Muslime versus Schwule” (A trajetória de uma oposição construída: dez anos de “muçulmanos contra gays”*. Berlin: Erstausgabe, 2011.

YOUTUBE. *Brutale Munchner U-Bahn Schlager gefasst (Pessoas preconceituosas e hostis no metrô de Munique recebem voz de prisão)*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zh5PW61S9Cw&playnext=1&list=PL3F633C86147B7C4E>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

YOUTUBE. *Überwachungskamera Security Camera Social Spot Berlinale* (Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yvxR-OAGB-I>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

ZUBERI, Tufuku; BONILLA-SILVA, Eduardo (Ed.). *White logic, white methods: racism and methodology*. Lanham: Plymouth; Rowman; Littlefieldshers, 2008.

Recebido em 28 de fevereiro de 2014.

Aceito em 2 de agosto de 2014.

